



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

THIAGO ALPHEU COSTA LUZ

**BIBLIOTECA ESCOLAR E *FAKE NEWS*: UMA PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO
DE MATERIAL EDUCATIVO COM ENFOQUE NA COMPETÊNCIA CRÍTICA**

FORTALEZA
2019

THIAGO ALPHEU COSTA LUZ

BIBLIOTECA ESCOLAR E *FAKE NEWS*: UMA PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO DE
MATERIAL EDUCATIVO COM ENFOQUE NA COMPETÊNCIA CRÍTICA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L994b Luz, Thiago Alpheu Costa.
Biblioteca escolar e fake news : uma proposta de construção de material educativo com enfoque na competência crítica / Thiago Alpheu Costa Luz. – 2019.
65 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.
1. Adolescente. 2. Biblioteca Escolar. 3. Competência Crítica. 4. Fake News. I. Título.

CDD 020

THIAGO ALPHEU COSTA LUZ

BIBLIOTECA ESCOLAR E *FAKE NEWS*: UMA PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO DE MATERIAL EDUCATIVO COM ENFOQUE NA COMPETÊNCIA CRÍTICA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (Presidente)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio Wagner Chacon (Membro)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Isaura Nelsivânia Sombra Oliveira (Membro)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Meus pais e irmãos.

Minha esposa (meu porto seguro).

Minhas filhas (razões da minha vida).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, por me sustentar nos momentos mais difíceis da minha vida. Por me dar discernimento nessa jornada, evitando que eu desistisse.

Aos meus pais, **José Ivan Ferreira Luz** e **Vera Maria Costa Luz** que, independente do momento da vida, me incentivaram e mostraram a importância do conhecimento, seja ela qual for. Minha mãe Vera que mesmo após a 3ª graduação continua a me dar exemplos de perseverança e sabedoria (desculpa ter demorado tanto); meus irmãos **Eric Costa Luz** e **Germano Franklin Costa Luz**, este último também pelas conversas e “discussões” sobre *fake news*; minha avó “**Baia**” (pelo carinho e simplicidade).

À minha esposa, **Maryelly Alves Fontenele Luz**, pelo companheirismo e parceria durante tantos anos, por me aguentar sempre (sei que não é fácil), por caminhar ao meu lado não importando os obstáculos surgidos (sem você este momento nunca seria possível – te amo); às minhas filhas, **Maria Hellena Fontenele Luz** e **Anna Alice Fontenele Luz**, as gêmeas mais fofas do Universo, significado de amor maior.

Ao meu orientador, **Jefferson Veras Nunes**, por acreditar que eu conseguiria e, principalmente, não ter desistido de mim em momentos que até eu mesmo duvidei; à banca examinadora, por ter topado o convite e pela atenção; aos professores do curso que contribuíram cada qual à sua maneira para minha formação e desenvolvimento acadêmico, além da coordenação e servidores em geral.

À minha turma 2016.1, em especial à **Patrícia Ferreira Lima** e **Lucas Teixeira Carvalho** (grandes amigos que fiz; parceiros que me ajudaram muito nos seminários da vida e atividades em geral; levarei pra vida toda); **Camila Rocha** pela ajuda no estágio obrigatório e com os infográficos; **Karla Othon** “pelo inglês”, **Guadalupe Costa** pelo apoio nas referências; “Seu” **José Fernandes** pelo exemplo e dedicação com que levou esse curso, obrigado pelos ensinamentos meu amigo.

À minha grande amiga **Joelma Leite**, pela grande ajuda na formatação do trabalho; ao gestor da Biblioteca Dolor Barreira, **Eduardo Pereira**, pelo apoio durante o estágio obrigatório; e ao **Júlio César** pelas palavras e encorajamento.

“Enquanto houver vontade de lutar haverá
esperança de vencer.”

Santo Agostinho

RESUMO

Discute sobre a importância do combate às *fake news* e de que maneira a Biblioteca Escolar (BE) pode ajudar no desenvolvimento de competências críticas em estudantes adolescentes. Fala das mídias sociais e dos impactos de seu desenvolvimento quanto ao paradigma da dita “Sociedade da Informação” e como esse processo desencadeou o fenômeno das notícias falsas, principalmente em relação às redes sociais modernas. Trata, também, da BE como espaço que pode contribuir com a escola no processo de ensino-aprendizagem, principalmente no que tange à responsabilidade da informação. Assim, foi realizada uma pesquisa descritiva pelo viés qualitativo, por intermédio de um método bibliográfico, com o objetivo de analisar de que forma a biblioteca poderia auxiliar estudantes adolescentes no desenvolvimento da criticidade para combater as *fake news*. Para isso, foi analisada a BE numa perspectiva de suas diretrizes e objetivos internacionais através do Manifesto IFLA/UNESCO. A conclusão foi de que a BE pode contribuir para o combate às notícias falsas através de ações e iniciativas integradas com o corpo pedagógico das escolas, baseadas nos objetivos do Manifesto IFLA/UNESCO, aproveitando-se da proximidade entre a biblioteca e os estudantes adolescentes, potencializando projetos já existentes e adaptando-os para o enfoque das mídias sociais e, por conseguinte, das notícias falsas, participando inclusive da construção de material educativo voltado à BE no combate às *fake news*.

Palavras-chave: Adolescente. Biblioteca Escolar. Competência Crítica. *Fake News*.

ABSTRACT

Discusses the importance of fighting fake news and how the School Library (SL) can help develop critical skills on teenage students. It talks about social media and the impacts of its development on the so-called "Information Society" paradigm and how this process triggered the false news phenomenon, especially in relation to modern social networks. It also deals with SL as a space that can contribute to the school in the teaching-learning process, especially regarding the responsibility of information. Thus, a descriptive qualitative research was carried out through a bibliographic method to analyze how the library could help teenage students in developing criticality to combat fake news. For this, SL was analyzed from a perspective of its international guidelines and objectives through the IFLA / UNESCO Manifesto. The final considerations were that SL can contribute to the fight against false news through actions and initiatives integrated with the pedagogical school team, based on the objectives of the IFLA / UNESCO Manifesto, taking advantage of the proximity between the library and teenage students, leveraging existing projects and adapting them to the focus of social media and therefore false news, including participating in the construction of educational material aimed at SL in the fight against fake news.

Keywords: Teenager. School Library. Critical Competence. *Fake News*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Metodologia	11
1.2 Tipologia da Pesquisa	11
1.3 Desenvolvimento da obra	13
2 MÍDIAS SOCIAIS	14
2.1 Fake News	22
2.2 Competência Crítica em Informação	27
3 BIBLIOTECA ESCOLAR	35
3.1 Manifesto IFLA (Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições) / UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)	36
3.2 Adolescência	39
4 CONSTRUÇÃO DE MATERIAL EDUCATIVO VOLTADO À BIBLIOTECA ESCOLAR NO COMBATE ÀS <i>FAKE NEWS</i>	44
4.1 Competência Crítica (CC) x Fake News	44
4.2 A Biblioteca Escolar (BE) como contribuinte no processo de desenvolvimento de competências críticas em adolescentes frente às <i>fake news</i>	48
4.3 Proposição de modelos de materiais educativos a partir de competências críticas	55
5 CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

A atual conjuntura mundial, na perspectiva da evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), demonstra que informação de qualidade passou a ser um insumo preponderante para tomada de decisão, desde aquelas capitaneadas por líderes mundiais, perpassando pelo escopo da Economia e, de maneira efusiva, no que concerne a usuários em geral e suas necessidades.

Nesse tocante, as redes sociais modernas, assim como tudo aquilo que deriva das relações sociais propiciadas por elas, passam a funcionar como canais voluptuosos de disseminação de informação e, por muitas vezes, desencadeadas por notícias falsas, aqui entendidas como as *fake news* “modernas”, algo que merece atenção elevada, visto que muitas dessas informações estão sendo decisivas para direcionar diversos aspectos de uma sociedade.

Nesse contexto, torna-se salutar dialogar sobre a importância da criticidade frente a tal realidade, sendo a competência crítica em informação, discutida na área da Ciência da Informação (CI), um viés importante para a busca em desenvolver aspectos críticos nas relações com o conhecimento e, evidentemente, com as formas de se adquirir e repassar conteúdos.

Dentro desse contexto a adolescência pode ser entendida como o momento mais propício para se iniciar a apresentação e discussão acerca do componente crítico das informações, tanto pelo aspecto cognitivo e de evolução humana – as construções biopsicossociais – quanto por se tratar de um grupo mais próximo e participante do universo das mídias sociais.

Uma boa indicação sobre tais discussões é falar sobre a Biblioteca Escolar (BE) e suas diretrizes educacionais, já que ela é um canal primordial no processo de construção de saber desde cedo, sendo parceira do corpo pedagógico das escolas no processo de ensino-aprendizagem. O pensamento sobre BE é muito ligado às crianças do Ensino Infantil, na perspectiva de introdução à leitura, cultivar o gosto pela leitura através de ações de cunho cultural e pedagógico. No entanto, um público presente nas demandas da BE é o de adolescentes. Pensando nesse recorte: de que maneira a BE pode ajudar estudantes adolescentes a pensarem criticamente frente às notícias falsas?

Para ilustrar bem tal situação, verificamos existir propostas de iniciar diálogos sobre a temática apresentada, demonstrando a relevância em se discutir as

implicações sociais geradas pelas notícias falsas e, principalmente, produzir formas de se combater as *fake news* dentro do ambiente escolar. De acordo com Maia, Furnival e Martinez (2018) o significado de *fake news*, ou notícias falsas, consiste no processo de circulação de desinformação, em diversos meios de comunicação, com status de verdade. A velocidade de compartilhamento, assim como a utilização de robôs em rede, torna a tarefa, de combater essas notícias, muito complicada, principalmente pela dificuldade na realização do rastreamento das postagens.

Além da importância para a área da CI em se discutir competência crítica, ou seja, buscar aspectos mais responsáveis no tratamento da informação bem como sua disseminação, este trabalho se justifica principalmente pela necessidade em se discutir sobre a importância de um posicionamento mais crítico frente à informação, que em muitos casos é carregada de material falso e, por conseguinte, acarretam prejuízos na assimilação da informação e prejudicam as tomadas de decisões dos usuários em geral.

Reforçando a justificativa deste trabalho, observamos medidas que estão sendo discutidas e implantadas quanto à importância do combate às *fake news*, como ilustrado na Figura 1 sobre reportagem no site do Estadão.

Figura 1 - Reportagem do Estadão sobre *fake news*



Pin it

Escolas da rede estadual de SP terão disciplina sobre fake news

ESTADÃO conteúdo
21/11/2019 19h00

Rossieli Soares, secretário de Estado da Educação
Imagem: Renato Costa/Estadão Conteúdo

As escolas estaduais de São Paulo vão ensinar os alunos a identificar fake news. A nova disciplina, que será eletiva, começa no ano que vem do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e no ensino médio. Pesquisas mostram que estudantes mal conseguem diferenciar um conteúdo patrocinado de uma reportagem.

Fonte: ESTADÃO, 2019.

Pode-se perceber que ações para fomento dessa discussão sobre criticidade são necessárias para criar um ambiente mais responsável quanto à qualidade das notícias e de tudo aquilo que derive dela, principalmente se lidarmos com adolescentes, tão inseridos no contexto das redes sociais. Dessa forma é emergencial que levemos as reflexões sobre criticidade e *fake news* para dentro do escopo escolar, mediante inclusão da BE como ferramenta de mediação de ações promotoras de criticidade em estudantes adolescentes.

O objetivo geral desta pesquisa é: analisar como a Biblioteca Escolar pode auxiliar no desenvolvimento de competências críticas em estudantes adolescentes no combate às *fake news*. Já os objetivos específicos se dão da seguinte maneira: a) discutir sobre a importância da criticidade frente às notícias falsas; b) demonstrar a BE como contribuinte no processo de desenvolvimento de competências críticas em adolescentes frente às *fake news*; e c) propor elementos pertinentes à criação de material educativo para as BE's utilizarem no combate às notícias falsas.

1.1 Metodologia

O trabalho proposto é uma junção de reflexões realizadas durante o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Desde os textos teóricos sobre Competência Crítica em Informação, passando por trabalhos realizados sobre BE e Seminários sobre a temática das *Fake News*. Assim, a ideia de se discutir criticidade frente ao volume de notícias e, sobretudo as falsas, foi ganhando corpo e desencadeou este trabalho com o intuito de contribuir para uma melhora no nível crítico, no caso do escopo do trabalho, dos adolescentes, mediante papel preponderante da BE, meio que remete diretamente ao trabalho do bibliotecário.

1.2 Tipologia da Pesquisa

Dessa forma, para tratar destas inferências, recorreu-se a uma pesquisa de caráter descritivo, fundamentalmente preocupada em descrever o objeto pelo qual se decidiu estudar e problematizar, trazendo mecanismos teóricos para abalizar o trabalho. Segundo Gil (2008, p. 42) as pesquisas descritivas “têm como objetivo

primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” Assim, comparando as temáticas da pesquisa corrente, observamos o fenômeno das notícias falsas sendo estudado pelo viés das relações entre a BE, competência crítica e adolescentes. Outra característica da pesquisa descritiva, de acordo com Gil (2002, p. 42) é,

Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental etc.

Aqui se percebe alusão a adolescentes e suas especificidades psíquicas e de formação mental, melhor descrito no referencial teórico, onde se vai buscar a descrição de elementos relativos a este grupo em específico.

A natureza da pesquisa é a abordagem qualitativa. Segundo Martinelli (1999, p. 23), nela “procura-se a percepção dos sujeitos, o seu entendimento sobre os fatos, a partir da interpretação que faz dos mesmos na sua vivência cotidiana.”

Componente relevante, visto que a dinâmica de estudos sobre os adolescentes e o aspecto crítico da informação pode ser entendido dentro do contexto vivido por eles, bem como a realidade vigente quanto à sociedade e à participação da informação em sua construção diária.

Para tratar dos dados da análise, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, tratando de recorrer a leituras baseadas em autores específicos das temáticas tratadas neste trabalho, por intermédio de livros, artigos científicos, material relativo a eventos da área de CI, dentre outros. Conforme nos traz Lima e Miotto (2007, p. 44): “Ao tratar da pesquisa bibliográfica, é importante destacar que ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos.”

O trabalho foi fundamentado metodologicamente, portanto, com prévio levantamento bibliográfico sobre as temáticas propostas, visando relacionar a importância da criticidade frente às notícias falsas e a participação da BE neste processo, direcionando tais esforços para estudantes adolescentes.

Quanto à análise do trabalho, esta foi realizada no capítulo 4, através do cruzamento entre as teorias fundamentadas no referencial teórico, além de proposições compreendidas por meio dessa confluência de temas, relacionando pontos essenciais que possam atuar de forma conjunta no objetivo de se responder

os questionamentos propostos. Objetiva também criar condições para que haja um ambiente propício nas escolas para tornar o diálogo sobre criticidade relevante e que a BE possa ajudar na mediação desse processo com ações pedagógicas, dentre elas a confecção de material educativo voltado ao combate às *fake news*. Segundo Reberte, Hoga e Gomes (2012) é preponderante que a linguagem, tanto escrita quanto de ilustrações, seja confeccionada de modo a levar em consideração a possibilidade de assimilação e apropriação do usuário com o material. No escopo de nossa pesquisa, importante é enxergar as necessidades e interesses dos adolescentes para mediar o desenvolvimento de competências críticas e as questões relativas às suas especificidades enquanto ser social.

1.3 Desenvolvimento da obra

Na Introdução deste trabalho foram elencados aspectos sobre a temática em si, apresentando a problemática norteadora da pesquisa, assim como a justificativa para o trabalho e os objetivos propostos. Em seguida serão indicados os capítulos subsequentes.

O Segundo Capítulo trata de apresentar o histórico das mídias sociais, visando chegar até o escopo das redes sociais “modernas”, discutindo assim sobre as *fake news* quanto a tal conjuntura e perpassando pelo debate da importância da competência crítica em informação.

Já o Terceiro Capítulo vem discorrendo sobre a Biblioteca Escolar (BE), baseando-se principalmente no Manifesto IFLA/UNESCO e suas diretrizes. Além disso, traz à tona um debate sobre adolescência, grupo escolhido para centralizar as discussões quanto aos objetivos.

No Quarto Capítulo buscou-se relacionar os assuntos apresentados no referencial teórico dos capítulos, realizando a análise teórica do trabalho.

E na Conclusão foi descrito de maneira geral o desenvolvimento do trabalho, relacionando-o com os objetivos propostos e ainda uma proposição de confecção de material educativo a ser utilizado em Bibliotecas Escolares no combate às *fake news*.

2 MÍDIAS SOCIAIS

Falar de uma temática como essa é levantar questões sobre o conceito e significado da expressão mídia, que pode abranger tanto os meios em si, enquanto suportes de transmissão de mensagens, quanto às próprias mensagens, sendo necessário compreender que se trata de um conceito muito abrangente na construção da história da humanidade.

Uma definição sobre mídia pode ser entendida por meio do dicionário brasileiro Michaelis da Língua Portuguesa:

1. Toda estrutura de difusão de informações, notícias, mensagens e entretenimento que estabelece um canal intermediário de comunicação não pessoal, de comunicação de massa, utilizando-se de vários meios, entre eles jornais, revistas, rádio, televisão, cinema, mala direta, outdoors, informativos, telefone, internet etc.

Fica claro o viés no sentido físico e de suporte, já mencionados antes, com uma clara alusão aos suportes e meios de propagação de informação, tentativa de se evidenciar um aspecto técnico e direto sobre o que caracteriza mídia.

Outro ponto a se observar é o que McLuhan (1964) traz sobre mídia, indicando que “o meio é a mensagem”. Esse aspecto é peculiar por entender que a própria mídia, o meio, é o conteúdo a ser difundido. Em sua obra “Os meios de comunicação como extensão do homem” enfatiza que os meios são transformadores da dimensão humana, sendo seus construtos a mensagem em si. Isto já demonstra outra abordagem, que não dissocia o condutor físico da mensagem, indicando que ao longo da evolução tecnológica da humanidade, suas invenções e adaptações diversas são os agentes transformadores da sociedade e não os carregamentos simbólicos das mensagens, o conteúdo.

A questão, no entanto, é compreender a importância das mídias enquanto meios de propagação de mensagens, mas também de inovações técnicas e tecnológicas ao longo dos tempos, permeando as sociedades e incidindo em transformações significativas em seu âmbito. Porém, mais sintonizado com o que diz Santaella (2003), é a mensagem que carrega os aspectos simbólicos mais relevantes e possui a verdadeira essência da comunicação, linguagem e construção social.

Embora sejam responsáveis pelo crescimento e multiplicação dos códigos e linguagens, meios continuam sendo meios. Deixar de ver isso e, ainda por cima, considerar que as mediações sociais vêm das mídias em si é incorrer em uma ingenuidade e equívocos epistemológicos básicos, pois a mediação primeira não vem das mídias, mas dos signos, linguagem e pensamento, que elas veiculam. (SANTAELLA, 1992 [2003a], p. 25).

Há aqui uma disposição em se atentar para alguns elementos participantes dessa transformação, principalmente aqueles que remetem às inovações tecnológicas e científicas, bem como as transformações que elas acarretaram para as sociedades ao longo da história. Entende-se que em alguns momentos o meio em si produz mudanças no comportamento cultural das sociedades e em outros não, funcionando mesmo como suporte e condição para passar o conhecimento. Mas a mensagem, a construção cultural embutida nos conteúdos diversos tramitados socialmente é o que realmente gera mudanças de paradigmas sociais.

Sobre o advento da imprensa, durante muito tempo, principalmente na Idade Média, tínhamos a essência da mídia baseada nas produções dos copistas da Igreja Católica, que além de deter a posse do conhecimento em si, o faziam mediante o controle da leitura e escrita. Isso pressupõe uma atividade mais restrita tanto de pessoal quanto de diversificação de material. No entanto, foi a partir do final do Feudalismo, onde a ideia de Estado começou a aparecer e as formas de mercantilismo passaram a tratar de excedente e lucro, que as formas de se ter acesso a conteúdos se modificaram, passando da restrição eclesiástica da escrita para uma maior amplitude de materiais de forma impressa e isto foi possível mais fortemente pela Imprensa de Gutenberg.

Seria facilmente possível dissertar longamente sobre diversos momentos da história que foram relevantes para a disseminação de conhecimento no mundo. Citar a importância de locais da Ásia, principalmente China, na contribuição criativa sobre o papel, os tipos para impressão, dentre outros. Mas é na Imprensa de Gutenberg que visualizamos uma maior formalização de proliferação de suportes e conhecimento, já que possibilitou a oferta de conteúdo em diversas partes do mundo, visto que o fluxo das tipografias e suas produções intelectuais de propagação seguiam a mesma ideia dos produtos comercializados de bens e consumo. Quanto ao meio ou mídia, neste caso as impressoras, segue um pensamento acerca do assunto a partir de Peter Burke:

[...] a importância do novo meio não se limitou à difusão mais ampla do conhecimento e à publicidade de conhecimentos relativamente privados ou mesmo secretos (de segredos técnicos a segredos de Estado). A imprensa também facilitou a interação entre diferentes conhecimentos, tema recorrente neste estudo. Ela padronizou o conhecimento ao permitir que pessoas em lugares diferentes lessem os mesmos textos ou examinassem imagens idênticas. Também estimulou o ceticismo ao permitir que a mesma pessoa comparasse e contrastasse explicações alternativas e incompatíveis do mesmo fenômeno ou evento. (BURKE, 2003, p. 19).

Dentro da perspectiva de se avaliar a importância do meio em si ou da perspectiva do ideal simbólico da mensagem, verifica-se que as impressoras tipográficas criaram não só formas de se produzir e reproduzir em larga escala, atingindo lugares e pessoas diferentes, mas também tornou os donos destes suportes em agentes econômicos poderosos, que passaram não só a difundir material e mensagem culturais, mas também propaganda e recursos mercadológicos, se sobressaindo economicamente falando na estrutura capitalista vigente.

Assim, surgiram segmentos de mídia como verdadeiras empresas econômicas, que através da difusão massificada de conhecimento passou a atingir um elevado número de pessoas e modificar a percepção social de acesso à informação. Isto se deu em parte também pelo fortalecimento das relações comerciais entre Estados, bem como do fortalecimento das línguas vernáculas, o que facilitou o desenvolvimento das reproduções e difusões de materiais em geral. O acesso aumentou em larga escala e com isso o apelo comercial das corporações surgidas pela evolução das tipografias cresceu de maneira a determinar as formas de acesso e os objetos de consumo de massa. Já se verifica aqui uma tendência, atrelada ao sistema mercantilista/capitalista, de se criar grupos hegemônicos que ditam a propagação de informação de maneira alinhada com seus interesses corporativos.

É interessante observar que nenhum sistema ou condição social foi simplesmente substituído, nada mais distante disso. Os processos de mudanças de paradigmas se dão de maneira gradual, com incidência de diversas etapas simultâneas e em muitos casos segmentos institucionais e sociais se adequam e passam a funcionar de acordo com o paradigma atual. A própria Igreja Católica, que sofreu com a propagação e difusão de materiais que ajudaram a desenvolver

religiões protestantes, utilizou-se das tipografias e seu caráter massivo para contratar serviços e produtos relativos à sua natureza (THOMPSON, 1998).

Vale ressaltar que, se falarmos sobre a mídia em si (tipos móveis e impressoras), falaremos sobre esses aspectos de modificação econômico-social com relação aos donos dos meios. No entanto, como já falado anteriormente, o conteúdo simbólico formado pelas mensagens são o que fortifica a cultura. Se pensarmos que a possibilidade de se reproduzir e distribuir conhecimento aumentou estratosféricamente, também precisamos compreender que é o discurso e cognições humanas que são relevantes para uma construção social, basta ver que foi possível revisitar as teorias e material cultural da Antiguidade, criando bases para um novo momento das sociedades modernas. As especializações de áreas do saber foram sendo possíveis, com o suporte servindo de possibilidade para evoluções humanas, significando facetas de conhecimento produzidas pelos pensamentos e estudos dos indivíduos. Isso foi desencadeado pela produção, ou o aumento dela, científica e acadêmica, com a criação de modelos a serem consultados e discutidos para criação de novos conhecimentos.

Da mesma forma, algo também já bem explicitado, as pessoas mais carentes ou que não possuíam o ofício da leitura também não ficavam alheias aos avanços da impressão. Vale ler uma passagem de Thompson:

As primeiras editoras também publicaram muitas obras de ciência popular, manuais e almanaques práticos, que vendiam em grande quantidade. Os almanaques continham, dentre outras coisas, tabelas padronizadas para calcular o custo dos bens, para converter medidas, pesos, sistemas monetários, para calcular a distância e o tempo de uma viagem, etc.; foram usados extensivamente por comerciantes e homens de negócios, fornecendo-lhes instruções para levar suas mercadorias além de suas fronteiras locais. (THOMPSON, 1998, p. 59).

Procurando entender o surgimento da mídia como indústria, após o florescimento das imprensas, percebe-se que o universo de publicações periódicas cresceu e passou a integrar uma modalidade de notícias, que se tornariam os Jornais tão conhecidos hoje. Podem ser citados aqui os serviços postais dos países europeus, as formações de serviços de comércio sobre essa área, mas creio que o surgimento de propagandas e serviços regulares trouxe relevância mais apta a se compreender a formação das Indústrias de Mídias.

Nesse ponto importa relatar mais uma vez que o desenvolvimento e a evolução das mídias ocorrem paralelamente aos crescimentos industriais das duas

revoluções industriais, que trouxeram modificações como energia elétrica, potencializações das máquinas, além de uma maior mercantilização daquilo que Thompson (1998) chama de formas simbólicas. Crescimento urbano, público aumentado e em condições de consumir produtos midiáticos, massificando as produções e o consumo de tipos de conteúdos diversos. Novos elementos gráficos surgiram e novas formas de se produzir jornais, facilitando a assimilação do público alvo, o que transformou tais práticas de valor elevado para a propaganda comercial, desenvolvendo um nível de práticas comerciais diferente, marcado pela tentativa de se atrair pessoas via utilização de mecanismos de mídia.

Estes são os adventos de meados do século XIX e XX, evidenciando a relação econômica e mercadológica das Indústrias das Mídias com o comportamento social vigente da época, onde os meios de comunicação determinavam formas de se oferecer conhecimento e informação, pensadas para manutenção de condição dominante, seja relativo ao bem privado ou de interesse público.

Toda essa parafernália foi fruto de condições sociais vigentes e sua “parceria” com as formas de controle do simbólico executadas pelas grandes Indústrias de Mídias, ligadas ao capital financeiro em diversos segmentos que não só a comunicação tradicional. Vale lembrar que não podemos achar que a iniciativa privada era a única a viver esse momento. Principalmente no século XX, com advento das grandes guerras, os Estados passam a investir e produzir mecanismos de pesquisa e controle sobre produção de conhecimento, fortalecendo investimentos em educação e pesquisas científicas e acadêmicas.

As teias de interdependência, citadas por Thompson (1998), foram revestidas à medida que desde as experiências com telégrafo eletromagnético, depois sem fio, precursor do telefone moderno. As ondas radiofônicas, depois o rádio de alta frequência, possibilitaram modificação do espaço-tempo, percorrendo distâncias inimagináveis em pouco tempo, contribuindo para a globalização do mundo, o que seria mais latente com o desenvolvimento tecnológico e econômico da segunda metade do século XX. Verifica-se nesse ponto a importância e pioneirismo da indústria militar de países europeus e dos EUA, em grande parte, já resquícios da corrida pelo controle do protagonismo mundial, vide a Primeira Guerra Mundial.

Continuando com a mídia enquanto indústria de massa, falemos da presença do rádio e da televisão. Já comentados que se tratam de meios de

comunicação que ultrapassaram a barreira física de transposição de mensagem. Comparados aos formatos de impressão e gráficos, esses veículos de mídia possuem um alcance e amplitude nunca vistas, fortalecendo os donos destes meios como detentores de divulgação de conteúdo simbólico. Assim, os aspectos econômicos mais uma vez se entrelaçam com os socioculturais e, de certa forma, definem características de uma sociedade ligada pela massificação das mensagens via televisão, por exemplo, com caráter de via única, onde embora o indivíduo possa escolher quando ou se assistir, ele está predestinado a ver aquilo que a indústria da mídia determina como aceitável e relevante. Seja de empresas ou mesmo dos governos. E isso se perpetua e toma ação dinâmica com o aumento da participação das pessoas no mercado, aumento da tecnologia que barateou a produção de bens de consumo na segunda metade do século XX, tornando estes meios físicos em algo normal no lar da maioria das pessoas.

Exemplo ímpar de utilização de massa via rádio e televisão é no entre guerras, principalmente na Alemanha de Hitler, durante a guerra. Nesse quesito, faz-se relevante o Documentário *Triunfo da Vontade* (1934), que relata bem a propaganda do partido nazista em convencer o próprio público alemão antes e durante a guerra. Percebemos ali uma influência grande na comunicação de massas, retratando o sentimento de coragem, de pátria, de pertencimento, inclusive para angariar soldados. População teria a ideia de um local salubre, com condições de vivência boas: estas eram imagens veiculadas na televisão oficial e rádio do partido. O sentimento de reconstrução de povo pós-primeira guerra é levado ao extremo apelando para a noção de pátria e resgate. O conteúdo simbólico das propagandas era utilizado juntamente com recursos técnicos e tecnológicos visando criar uma atmosfera que evidenciasse as partes positivas do regime que estava por vir. Além disso, a caracterização da indústria de massa é uma junção do capital em si e aspecto comportamental, ditando moda e tendências em geral, sempre fazendo par com os meios mercadológicos através da propaganda de massa, baseada na não interação com o receptor e sim o utilizando como depósito de conteúdo simbólico de dominação.

Já na evolução da mídia – o caso *Internet* – na segunda metade do século XX, devido ao desenvolvimento do capitalismo, verificamos um grande desenvolvimento econômico apoiado na pós-Revolução Industrial e, a partir de agora, pautado no conceito das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's).

Além de uma busca em si desenvolver e financiar tecnologias de ponta, a Informação passa a ter um caráter de valor estratégico, modificando assim o fluxo informacional mundial. Vale citar que o período conhecido como Guerra Fria, tensão mundial entre Estados Unidos e União Soviética, fez com que os Estados aplicassem dinheiro e conhecimento em verdadeiras revoluções tecnológicas.

Dessa forma, temos mais uma vez o caráter estatal na primazia de se desenvolver tecnologia de ponta e, se tratando desses países, participação gigantesca dos centros de pesquisas e Universidades em geral. Embora possamos delinear vários exemplos ao longo do final do século XX, focaremos na *Internet*. Ela se iniciou, segundo J. B. Pinho (2003), como uma resposta do governo americano à expansão soviética, principalmente com relação ao lançamento de satélites artificiais que visavam ampliar as tecnologias de comunicação. Daí foi criada pelo governo americano, ligado ao Departamento de Defesa, uma agência especializada para pesquisa nessa área – Advanced Research Projects Agency (ARPA – Agência de Pesquisa e Projetos Avançados). Castells (2003, p. 14) explicita a criação de um programa que originou propriamente dita a *Internet*:

Como parte desse esforço, a montagem da ARPAnet foi justificada como uma maneira de permitir aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa, que trabalhavam para a agência, compartilhar *online* tempo de computação.

Isto é só um recorte sobre a origem da rede mundial de computadores. O que vale entender dessa passagem é que os governos em si estavam financiando pesquisa baseada na comunicação de defesa e, tempos depois, tal tecnologia foi utilizada para ampliar o escopo comunicacional e tecnológico para o mundo inteiro e daí passar a ter uma nova abordagem global e comunicativa mundial.

Um ponto relevante é que a transformação da *Internet* em algo de rede global de informação é possível de ser amplificado apenas pela paralela explosão tecnológica e econômico-social das indústrias e empresas ligadas ao aparato tecnológico e técnico, que passou próximo ao final do século XX a baratear e, com isso, modificar a extensão de alcance de aparelhos de mídia antes só restrito ao meio governamental e de grandes conglomerados. Assim, a popularização dos *Personal Computer* (PC) modificou a percepção de se consumir informação, agora ligado mais a personalização do consumo, com uma maior participação do indivíduo

enquanto “eu”, e não a condição predominante durante muito tempo de apenas receptor de mensagem de massas.

Juntamente a isso, o desenvolvimento de tecnologias de oferta de *internet* passou a conectar e globalizar de forma mais atuante o mundo dessa chamada Sociedade da Informação, que a partir daí foram se tornando processos mais complexos e mais parecidos com o que McLuhan (1964) já previa como Aldeia Global.

Avançando na temática, pensando na “Democratização” da *Internet*/ Mídias Sociais (Redes Sociais), entendemos o termo se apresenta entre aspas porque, mesmo com o barateamento e difusão de tecnologias mais acessíveis, o acesso em muitos países ainda não é totalmente democrático. Mas aqui reflete algo que se popularizou e passou a ser uma coisa altamente associada à vida humana, tanto a mídia em si, quanto a mensagem simbólica que ela transmite e/ou ajuda a transmitir.

A evolução da *Internet* é algo que carrega simbolismos diversos. Primeiramente a interatividade e distinção do espaço-tempo, bem como a personalização da busca por informação e conhecimento. Com isso as mídias sociais por um lado trazem novas formas de interação e força os grandes grupos de mídia a se adequarem a essa realidade, além de disputarem concorrência com formas “menores” de difusão de notícias, dentre eles indivíduos que passam a ter oportunidade de se divulgar sem a necessidade de deter monopólio sobre meios de comunicação.

Como explicita bem Torres (2009, *apud* OLIVEIRA, 2015) que define as mídias sociais como *sites* na *Internet* que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, que é, ao mesmo tempo, produtor e consumidor da informação.

A partir do início do século XXI ocorreu um “*boom*” acerca das mídias sociais, principalmente nos bolsões tecnológicos de pesquisa dos EUA, muitos deles por estudantes. Antes ligadas a um ambiente mais interno, com o tempo espalhou-se como ferramentas sociais para todo o mundo, criando uma nova abordagem no que diz respeito à mídia e comunicação social.

Segundo Telles (2010), há uma confusão entre o que são os termos redes sociais e mídias sociais, sendo que as redes são uma espécie de categoria das mídias, fato que caracteriza as redes sociais mais como ambientes que visam reunir

usuários que possam interagir de diversas maneiras, utilizando linguagens de texto, imagens dentre outras.

É nessa esfera que percebemos as mídias e redes sociais sendo potencializadas pelo que André Lemos (2005, p. 4) chama de Era da Mobilidade: “A era da conexão é a era da mobilidade. A *internet* sem fio, os objetos sencientes e a telefonia celular de última geração trazem novas questões em relação ao espaço público e espaço privado.”

É importante frisar a natureza das redes sociais, sabendo que não se trata de algo novo, mas que dentro do universo da tecnologia e relações sociais atuais torna-se um conceito de extrema relevância, moldando comportamentos e relações sociais em grande escala.

O acesso à informação, a velocidade de deslocamento dela, o alcance social que possibilita comunicar e difundir a qualquer hora, tudo isto torna mais democrático o acesso e, passa a dar voz independente de mídia de massa, ou ao menos em alguns casos sim. As possibilidades de participação direta são maiores e o grau de interação instantânea dá chance de se sentir participativo. No entanto, todo esse volume informacional e o poder que está ligado a ele forma dimensões sociais baseadas na disseminação de conteúdos e notícias falsas, criando uma verdadeira indústria de confecção de contrainformação, pós verdade e *fake news*.

2.1 Fake News

Apesar de Allcott e Gentzkow (2017, p. 213) definirem “*fake news*” como “artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores” (tradução nossa), é preciso entender que aqueles autores buscavam uma generalização conceitual que facilitasse a dinâmica de seu estudo. Grosso modo, a expressão “*fake news*” significa simplesmente “notícia falsa”, em tradução livre. Porém o conceito da expressão “notícia falsa” não carrega todo o significado moderno da expressão “*fake news*”, pois esta última é indissociável do conceito recente que se formou pelo grave efeito das “*fake news*” disseminadas em redes sociais.

Nunca nossa sociedade foi tão influenciada pela disseminação de notícias falsas. Os tempos atuais têm sido marcados pelos efeitos, em muitos aspectos da vida social, das “*fake news*”. Não se trata, no entanto, de uma novidade. Notícias

falsas sempre existiram desde os primórdios do jornalismo. A novidade consiste nos “quesitos” intensidade do alcance, categorização e motivação dos propagadores, formato (suporte ou via de entrega) e consequências sociais dessas notícias.

Uma compreensão que nos permita debater os efeitos modernos das *fake news* pode ser iniciada na tentativa de diferenciação do fenômeno historicamente, tomando como base justamente os referidos quesitos.

Historicamente falando, sem empreender uma busca inócua pela primeira *fake news*, podemos apontar as primeiras diferenciações lembrando os Canards franceses. Se concordarmos que um dos aspectos da popularização das notícias falsas nas redes sociais atuais se deve ao caráter simplista da informação veiculada, acharemos nos Canards franceses essa mesma característica uma semelhança, portanto, antes de uma diferenciação.

Os Canards, publicações de baixíssimo custo, que não se prendiam a padrões determinados, que tinham como público alvo as classes trabalhadoras na França a partir do século XIV, popularizaram-se, segundo Liebel (2013, p. 1),

Ao reproduzirem discursos profundamente enraizados nas mentalidades sob um novo formato, acessível a um público amplo. Textos na maioria de autoria desconhecida, com poucas páginas, impressos em material barato e com pouca frequência ilustrados, os Canards consistem em brochuras vendidas a baixo custo nas esquinas das grandes cidades francesas, como Paris e Lyon [...].

A aparente informalidade dessa maneira de informar se traduziu, em muitos casos, num descompromisso com a verdade factual e numa adesão total à busca pelo efeito publicitário imediato, que tornava aquela publicação “viva” no cotidiano francês, adquirindo preferência popular. Tal como no fenômeno moderno.

Narrando eventos recentes ou que ao menos se apresentam como tais, estes textos afirmam tratar, enfaticamente, de acontecimentos reais, citando numerosas testemunhas e mesmo a observação direta do autor. Entretanto, essa pretensa veracidade das histórias se presta a validar a narrativa, não sendo atestada em muitos dos casos. (LIEBEL, 2013, p. 2).

Em defesa dos Canards franceses pode-se alegar que começaram a ser impressas e distribuídas antes da criação e consolidação de uma imprensa formal na França. Diferentemente das *fake news* modernas, que ganharam notoriedade como uma resposta a perda de credibilidade dos veículos de informação de massa tradicionais. Explica o jornalista Guillermo Altares (2018) em matéria eletrônica:

Ao mesmo tempo em que surgiam os jornais de circulação maciça, nascia também um certo ceticismo em relação a eles. Era como se alguns se empenhassem em demonstrar que a verdade estava em outro lugar. Essa desconfiança se prolonga até nossos dias, com aqueles que acreditam erroneamente que a imprensa conta mentiras, e que as redes sociais oferecem verdades. (EL PAÍS, 2018).

Se por um lado os antigos Canards franceses se assemelham às *fake news* modernas em sua simplicidade proposital para ampliar o público alvo, em seu não apego a padrões e em seu descompromisso com a verdade factual, há diferenças gritantes que nos trazem então aos quesitos analisados.

A intensidade das *fake news* não esbarra nas restrições tecnológicas óbvias que as mídias informativas antigas tinham. Ao contrário, encontraram nicho perfeito para sua disseminação ao assimilar as características justamente da tecnologia que lhe serve de plataforma. É essa também uma diferenciação importante no quesito suporte. A via de entrega dos Canards, impresso em papel jornal, estava em sua natureza sujeita a deterioração física. Diferentemente do conteúdo *on-line*, para sempre presente na Rede com maior ou menor disponibilidade, mas presente.

Se nos Canards os propagadores eram em sua maioria tão rastreáveis quanto jornalistas tradicionais em suas redações, ou seja, era pública e notória a origem da publicação, o mesmo não se pode afirmar das *fake news*, que se proliferam sem qualquer vínculo de responsabilidade do criador.

Há ainda a motivação dos autores. Os responsáveis pelos Canards buscavam ganhos financeiros diretos, já os disseminadores de *fake news* possuem motivações de difícil determinação.

Chegamos então ao quesito que mais assusta os estudiosos do fenômeno, por ser o mais preocupante do ponto de vista social. Os Canards preocupavam-se essencialmente com a veiculação de eventos pontuais. Acidentes, crimes locais, escândalos. Eram notícias que tinham prazo de validade e efeitos limitados, que exacerbavam características daqueles leitores como, por exemplo, a curiosidade mórbida pela descrição de tragédias e mortes, mas que não iam além.

Modernizando o conceito, nossa experiência moderna é muito mais exuberante e preocupante. A preocupação aumenta quando se estuda a forma de disseminação das *fake news*.

A própria forma como os links são compartilhados nas redes sociais dificulta a identificação da natureza dos conteúdos em circulação. O contexto é

propício para a difusão das *fake news*, conforme explicam Chen, Conroy e Rubin (2015a): “Em redes sociais como o *Facebook*, um artigo do *The New York Times* se apresenta da mesma forma que um artigo do *The Onion*, e qualquer um pode vir com o endosso do amigo que o compartilhou. (DELMAZO e VALENTE, 2018, p. 158).

A política tem se mostrado o nicho de melhor ampliação dos efeitos das *fake news*, tanto pela perda de credibilidade, que ocorre mundialmente não sendo este um privilégio brasileiro, como pela baixa “adesão” social às temáticas políticas que se mostrem um pouco mais complexas.

A temática política mostrou-se terreno fértil para a disseminação de *fake news*. Segundo análise do site *Buzzfeed News*, nos últimos três meses da campanha para as eleições presidenciais dos Estados Unidos de 2016, as notícias falsas com melhor desempenho no *Facebook* geraram mais engajamento que as *top stories* de veículos de comunicação como *The New York Times*, *Washington Post*, *Huffington Post*, *NBC News*, entre outros. (DELMAZO e VALENTE, 2018, p. 159).

Em 28 de agosto de 2018, durante sabatina dos presidencializáveis ao vivo no *Jornal Nacional*, da *TV Globo*, o então candidato Jair Messias Bolsonaro fez uma afirmação de alta repercussão na opinião pública. Infringindo as normas da entrevista, ele mostrou um livro chamado “*Aparelho Sexual e Cia*” seguido da referida afirmação de que aquele livro seria parte da bibliografia oficial do MEC no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e que fazia parte da implantação do chamado Kit Gay, atribuindo ao candidato adversário, Fernando Haddad, a autorização para a inclusão daquele material na lista dos livros a serem usados nas escolas públicas federais. Afirmou ainda que o lançamento do livro foi realizado no “9º Seminário LGBT infantil”. Ocorre que se tratava ali de informação inverídica em mais de um aspecto. O livro não fazia parte do material oficial do MEC, conforme desmentido pelo próprio Ministério, em resposta a *fake news* de 2013:

“[...] Em 2013, o Ministério da Educação já havia respondido oficialmente à imprensa que “a informação sobre a suposta recomendação é equivocada e que o livro não consta no Programa Nacional do Livro Didático/PNLD e no Programa Nacional Biblioteca da Escola/PNBE.” (LOPES, 2018).

É igualmente falso que o material tenha sido analisado e autorizado por Fernando Haddad quando este foi o titular do Ministério. Este evento, conforme notícia veiculada pelo site *EFarsas.com* (Figura 2), em 29 de agosto daquele ano,

nunca ocorreu. O evento chamava-se, na verdade, 9º Seminário LGBT e aconteceu em 22 de maio de 2018 e pretendia debater a sexualidade em várias faixas etárias.

Figura 2 - Exemplo de notícia da *Internet* com a checagem da afirmação do atual Presidente Jair Messias Bolsonaro em sabatina no Jornal Nacional (TV Globo) em 2018.



Fonte: LOPES, 2018

A verificação das afirmações foi realizada por muitos sites da *Internet* e veículos de grande circulação, como o *Huffpost*, em notícia de 20 de setembro e 24 de outubro de 2018, e no portal G1, que em notícia de 16 de outubro de 2018 veiculou que o Tribunal Superior Eleitoral – TSE, em decisão do ministro Carlos Horbach, determinou a remoção de vídeos publicados no *Facebook* e *Youtube*, nos quais o candidato a presidente pelo PSL, Jair Messias Bolsonaro, refazia as afirmações do Jornal Nacional. Na decisão, o ministro afirma que a obra nunca foi distribuída às escolas públicas pelo governo.

De acordo com levantamento do GPOPAI – Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (USP), cerca de 12 milhões de pessoas no Brasil, difundem notícias falsas sobre política, informação citada pela reportagem eletrônica do Estadão (2017), que também traz:

Se considerada a média de 200 seguidores por usuário, o alcance pode chegar a praticamente toda a população brasileira. O dado é resultado de um monitoramento com 500 páginas digitais de conteúdo político falso ou distorcido no mês de junho. (MARTINS, 2017).

Em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, em 2017, o historiador americano Robert Darnton, especialista no assunto, foi perguntado pelo repórter Fábio Victor de que forma a disseminação de conteúdo inverídico poderia ser minimizada. A resposta foi:

Que boa pergunta... Não tenho resposta. Oponho-me à censura e sou contra ideia de criar um órgão de censores para calar *sites* de *fake news*. Então como se para isso? Honestamente, não sei. Talvez os leitores de *fake news* com o tempo passem a ver que aquilo é mentira, acho que a médio ou longo prazo se acaba por si, se autocorrige, espero. Acho que, se melhorar a política, isso melhora também. (VICTOR, 2017).

Tal resposta vai na direção de Delmazo (2017), que conclui ressaltando que o combate a notícias falsas merece maior aprofundamento de estudo e investigação e não se resolverá com fórmulas prontas e determinações arbitrárias, mas com um conjunto de mecanismos que incluem recursos técnicos, investimento em educação e literacia digital, abrindo porém a ressalva de que restrições legais devem ser elaboradas para combater a desinformação, mas sem perder de vista o desafio de respeitar a liberdade de expressão.

2.2 Competência Crítica em Informação

Contextualizando a Sociedade da Informação, no intuito de compreender melhor a relação entre as competências críticas é necessária uma reflexão, ainda que condensada, sobre questões anteriores ao tema propriamente dito. Dessa forma é relevante discorrer um pouco sobre processos mais recentes acerca de nossa sociedade no que diz respeito à massificação dos meios de comunicação e, de que maneira, chegamos ao status mais atual de difusão de informação via uma rede social e a importância de haver um viés crítico em relação a isso.

Ao se levantar questionamentos sobre comunicação, informação e tecnologia (do ponto de vista do tema) seria necessário um estudo iniciando nos primórdios da humanidade, quando mesmo de maneira mais “arcaica” havia comunicação e tecnologia entre os povos, ocorrendo transmissão de informação muitas vezes necessária e atribuída a sobrevivência das espécies. Para exemplificar tal afirmação temos Rousseau em seu ‘Ensaio sobre a origem das línguas’: “Na

medida em que as necessidades crescem, os negócios se complicam, as luzes se expandem, a linguagem muda de caráter.” (1962, p. 273).

Embora fale da origem da escrita, o autor demonstra que toda evolução da comunicação se deu a partir da necessidade do ser, que vai se tornando mais complexo a cada experiência e busca em se expressar de maneira a conseguir o que se quer.

Como já foi realizado um recorte histórico mais detalhado anteriormente, cabe lembrar apenas que o século XX é repleto de acontecimentos históricos que mudaram ou deram impulso para mudanças significativas na história da humanidade, se atentando para a tecnologia, devido ao advento das grandes guerras e crescimento de potências como a ex-URSS e os EUA. Com isso observa-se um crescimento assombroso no desenvolvimento tecnológico, sejam por grandes empresas particulares ou com os institutos de pesquisas governamentais, universidades, enfim. Assim, os meios de comunicação também passaram a se inserir mais fortemente nesse momento com o advento da *Internet*, que ao longo do século em questão iria se estabelecer e, aliados aos suportes tecnológicos em geral, dominar vastamente os processos de disseminação de informação. O termo Sociedade da Informação deriva desse momento, não pra trazer algo novo, já que a sociedade não passou a conviver e utilizar informação nesse tempo, mas para atrelar tal termo aos aspectos tecnológicos e suas evoluções primordialmente a partir do século XX e continuamente no século XXI.

É provável que o fato de a constituição desse paradigma ter ocorrido nos EUA e, em certa medida, na Califórnia e nos anos 70, tenha tido grandes consequências para as formas e a evolução das novas tecnologias da informação. Por exemplo, apesar do papel decisivo do financiamento militar e dos mercados nos primeiros estágios da indústria eletrônica, da década de 40 à de 60, o grande progresso tecnológico que se deu no início dos anos 70 pode, de certa forma, ser relacionado à cultura da liberdade, inovação individual e iniciativa empreendedora oriunda da cultura dos campi norte-americanos da década de 60. Meio inconscientemente, a revolução da tecnologia da informação difundiu pela cultura mais significativa de nossas sociedades o espírito libertário dos movimentos dos anos 60 (CASTELLS, 2000).

Com o aumento da quantidade de produção de informação e também dos meios e suporte tecnológicos de propagá-las, foi se diversificando as maneiras que

peças se comunicavam e buscavam informação. Se antes a dependência de meios como a Televisão e o Rádio eram mais presentes (embora inclusive estes tenham se atualizado e se inserido nas novas formas de acesso da comunicação) passou-se principalmente no início do século XXI a serem utilizados meios independentes de notícias e canais comunicativos. É nessa “nova” etapa que verificamos a ascensão das redes sociais modernas (no tocante a modernidade enquanto suporte tecnológico avançado). Momento em que a tecnologia se entrelaça de vez nas necessidades humanas e são inclusive criadas com o propósito de atender essas demandas sociais.

No atual estágio de uso de redes sociais é preciso que se reflita não somente sobre as formas de democratização do acesso à informação e sim, também, acerca das competências para lidar com as informações obtidas.

Outro aporte importante é sobre a Competência em informação segundo Bezerra:

É uma habilidade de sobrevivência na Era da Informação. Em vez de se afogar na abundância de informação que inunda suas vidas, pessoas competentes em informação sabem como encontrar, avaliar e utilizar as informações de forma eficaz para resolver um determinado problema ou tomar uma decisão – não importa se a informação selecionada venha de um computador, um livro, uma agência governamental, um filme, ou qualquer outra fonte possível. (BEZERRA, 2015, p. 05).

Temos interesse em saber se há uma preocupação em verificar as fontes das notícias apresentadas, visto ser este um mecanismo que funciona através de filtros de notícias com interesses de diversas origens, inclusive das empresas controladoras das redes sociais em geral. Vale ressaltar que as ações delas são baseadas muitas vezes em dados de usuários e, em muitos casos, utilizados de forma indevida. As notícias acessadas por intermédio da rede social especificada são expostas tanto por usuários a nível individual quanto por empresas de diversos ramos, inclusive jornalísticos, com interesses diversos.

Ressalta-se a importância de não estabelecer uma verdade inexorável sobre o tema e sim a busca por formar atitudes de compreensão e criticidade nas reflexões. Corroborando com essa ideia, Belluzo (2014, p. 68) argumenta que:

Desenvolver competências e habilidades em informação não significa moldar a pessoa para a sociedade, mas sim, mostrar que a partir de todo este novo conhecimento que lhe foi atribuído a partir da mediação da informação, há a possibilidade de tornar-se um cidadão que reflete sobre a

sociedade em que vive, que reivindica direitos e sabe exercer sua cidadania.

Desse modo, se torna muito importante e pertinente entender o viés crítico necessário para um bom posicionamento frente à quantidade de informações recebidas diariamente e instantaneamente. Após adquirir habilidade em reconhecer ou verificar as origens das notícias, se compreende a relevância em se colocar criticamente em relação aos acontecimentos sociais. Assim, torna-se preponderante empreender por um caminho mais específico e aprofundado da competência informacional, discutida na *Ciência da Informação: a Competência Crítica em Informação*. Assim:

Em uma perspectiva crítica, a competência informacional deve ser mais amplamente entendida como uma “arte” que vai desde saber como usar os computadores e acessar a informação até a reflexão crítica sobre a natureza da informação em si, sua infraestrutura técnica, e o seu contexto e impacto social, cultural e mesmo filosófico, o que permitiria uma percepção mais abrangente de como nossas vidas são moldadas pela informação que recebemos cotidianamente. (VITORINO; PIANTOLA, 2009, p. 138 *apud* BEZERRA, 2015, p. 14)

Se juntarmos a evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) e relacionarmos com o volume de notícias postas em nossa frente, é visível que diante de tantas informações (pessoais, de canais oficiais de notícias, de pessoas compartilhando notícias de canais oficiais de notícias – enfim) haja necessidade e preocupação não só com o que se acessa e se compartilha, mas também com a busca em se acostumar a verificar as fontes e principalmente posicionar-se de maneira mais crítica a elas.

É dessa forma que, frente aos inúmeros conteúdos e com diferentes vieses de conduta, compõe-se existir fortemente as competências críticas em informação para lidar com o estabelecimento de princípios básicos de verificação de fontes bem como decidir através de reflexões críticas para lidar com assuntos inúmeros, focalizando numa construção de mudança de paradigma de participação social em temáticas gerais e específicas, utilizando esse meio veloz de disseminação de informação de maneira mais consciente. Belluzo, Santos e Almeida Junior (2014, p. 71) nos trazem indicação de uma preocupação em se respeitar a pessoa e seus processos de reflexão, no entanto explicando que isso é algo modificável do ponto de vista do aprender competências para relacionar-se com a informação.

Cabe ressaltar que avaliar a competência em informação não significa medir o conhecimento adquirido pelas pessoas, pois julgamos o conhecimento imensurável, mas sim se estas adquiriram competências e habilidades necessárias para a execução de uma tarefa informacional. A avaliação tem por objetivo verificar se as competências e habilidades foram apropriadas pelas pessoas e, se de fato, desenvolveram o senso crítico em relação ao universo informacional.

É preciso ter não só as preocupações com análise das fontes, confiáveis ou não, mas também do entendimento em se adquirir competências críticas para enfrentar tendências e manipulações de diversas esferas.

Assunto já abordado em capítulo anterior, é nessa brecha que as *fake news* se propagam e ganham adeptos cada vez mais ávidos por factoides e sensacionalismos que criam mecanismos de crescimento de fatos e notícias falsas, com aparência de verdadeiras.

Aqui cabe uma explicação quanto à relação entre Competência em Informação e Competência Crítica em Informação. A primeira trata de um domínio ou capacidade de ser habilitado em ferramentas técnicas e conhecimentos técnicos para atender suas necessidades. A segunda visa um componente crítico em relação a enxurradas de conhecimento disseminado, mesmo que em certo grau também necessite ter habilidades instrumentais. O que se caracteriza mais individualmente como Competência Crítica, explicado por Brisola, Schneider e Silva Junior (2017, p. 7), é

[...] além da identificação dos limites da necessária competência instrumental em informação e do questionamento das necessidades informacionais, a CCI deve nutrir uma disciplinada e rigorosa fidelidade ao primeiro princípio do método científico de Descartes, a dúvida sistemática, segundo a qual, para que um dito seja tomado por verdadeiro, não basta ter sido proferido por alguma autoridade. Em outros termos, a credibilidade do enunciador não assegura de antemão a justeza do enunciado. Portanto, é necessário que se conheça o melhor possível determinado assunto para que se possa proferir juízos corretos sobre relatos ou interpretações a ele relacionados, bem como para que não se incorra no erro grave de se difundir relatos falsos ou interpretações equivocadas.

Outra vertente importante de se ligar à Competência Crítica é a Ética. Para tanto, é necessário um entendimento do que seria ética nesse arcabouço de volumosas notícias e postagens. Assim, pode se inferir Ética com base nas explicações de que ela depende, sobretudo, da capacidade de discernimento do indivíduo perante verdades absolutas e condições ditas imutáveis.

A informação deve sempre ser descartada ou preservada, representada e classificada de uma forma ou de outra, mantida em segredo ou replicada, mais ou menos seletivamente, por este ou por aquele meio, mediante o uso desta ou daquela linguagem, com ou sem maiores esclarecimentos, sem perder de vista as possíveis consequências deste ou daquele conjunto de opções dentre as precedentes, bem como os princípios éticos e intenções práticas do conjunto adotado. Quando falamos em uso ou princípios éticos, devemos tomar o termo ética seriamente, não como simples etiqueta – no duplo sentido do termo: norma de conduta pertinente segundo convenções mais ou menos formais, ou rótulo, adjetivo, que caracteriza determinada ação como moralmente adequada segundo critérios tácitos –, mas como campo vital de reflexão, que possui uma dimensão epistemológica, uma política e uma estética ou existencial. (BRISOLA; SCHNEIDER; SILVA JUNIOR, 2017, p. 8).

Estes autores trazem uma recapitulação das características principais desse ambiente ético, que preza pela reflexão crítica e constructo de habilidades e competências em lidar com a avalanche informacional do cotidiano.

Recapitulando, a Competência Crítica em Informação exige:

- 1) Competência instrumental.
- 2) Reflexão sobre as necessidades informacionais.
- 3) Atitude questionadora diante da informação em si.
- 4) Atitude questionadora diante das fontes de informação.
- 5) Estudo da ética em informação na acepção séria do termo.
- 6) Conhecimento das teorias sociais críticas e das teorias críticas da informação. (BRISOLA; SCHNEIDER; SILVA JUNIOR, 2017, p. 9).

No campo estudado aqui, a criticidade se faz importante principalmente pela busca em se construir enquanto sociedade independente, através de indivíduos independentes, que apesar da enxurrada de notícias relevantes para sua vida possa identificar e refletir sobre o que realmente lhe interessa e bem como aquilo traduz ou não suas referências simbólicas, tendo o cuidado de não perecer frente aos grandes grupos controladores dos filtros e das dinâmicas das redes sociais e *internet* em geral.

Para firmar relevância quanto às competências informacionais temos uma reflexão para ilustrar, onde Silva, Ottonicar e Yafushi (2017, p. 610) dizem que:

O acesso é o primeiro passo para que o indivíduo exerça sua cidadania, pois fornece um arcabouço informacional variado que pode dificultar a compreensão. Desse modo, não basta apenas buscar informação nas plataformas online ou nas mídias porque o indivíduo precisa ser capaz de criticar a informação coletada, fazendo conexões com outros dados obtidos pela televisão, rádio, internet, entre outros meios. Tais críticas fazem do processo de aprendizagem e conseqüentemente, a pessoa constrói conhecimento sobre fatos durante toda a vida. A construção do conhecimento por meio da aprendizagem reflexiva das informações e análises de suas fontes é um dos principais objetivos da competência em informação.

Em suma, a Competência Crítica em Informação se fundamenta por ser uma tentativa de se criar consciência e reflexão acerca das propriedades técnicas e simbólicas das mídias e produtos dela, além dos aspectos de interação social das redes sociais, principalmente no tocante ao que elas representam epistemologicamente, socioeconomicamente e simbolicamente. As competências críticas têm por finalidade ajudar na construção de uma sociedade mais livre e justa, habilitando as pessoas de conhecimentos e posturas diversas na condição de se formar cidadãos conscientes e participativos na política e sociedade em geral.

Outra discussão bem relevante dentro dessa temática é sobre o conceito de Competência Midiática. Dentro desse contexto, relacionando com a competência crítica, apreender competências midiáticas significa em termos gerais compreender melhor o funcionamento das mídias sociais, dentre elas as redes sociais “modernas”, mas não somente nos aspectos tecnológicos em si e sim também nas relações sociais e em suas construções coletivas. Torna-se importantíssimo dialogar sobre o impacto das mídias sociais no processo informacional das sociedades, visando formar uma consciência crítica acerca tanto dos mecanismos de ações midiáticas quanto da qualidade de informação perpassada.

Tal entendimento pode ser ilustrado conforme Miranda e Silva (2017, p. 319), que sobre a competência midiática nos diz que: “No interesse da cidadania digital e no âmbito da mídia-educação, a competência midiática é compreendida como um conjunto de conhecimento, habilidades e atitudes que ultrapassam o saber usar as tecnologias.”

Abrindo o escopo da discussão para as teorias estudadas aqui sobre competências críticas, percebemos que o intuito de se dialogar sobre criticidade está preponderantemente na busca em si criar uma sociedade mais pautada num senso crítico frente às informações, evidentemente devido a potencialização do caráter imediato e massificado das TIC’s. Nesse contexto Junior e Santos (2019, p. 103) nos trazem que:

A atualização de saberes, a construção de conhecimento e o desenvolvimento da criticidade do “eu” com o mundo está diretamente ligado à maneira com que lidamos com o excesso de informação que nos encontramos “imersos” diariamente.

Fica evidenciado o esforço em se estudar todas essas dinâmicas sociais sobre a informação numa perspectiva social que se distancie do caráter

individualizado e foque mais na consciência coletiva. Ainda segundo Miranda e Silva (2017, p. 319), verificamos que:

Assim, ao nos focarmos nas dimensões da competência midiática, estamos empreendendo um esforço não só de considerá-la como um conjunto de outras competências, mas de tomá-la sob uma perspectiva interacional em contraposição à perspectiva individualizante que está na gênese da construção desse conceito, principalmente, no país.

Com relação ainda ao espectro midiático, observamos a relação umbilical que existe entre suas características e aquelas que envolvem as competências informacionais e críticas, já elencadas em parte desse trabalho. Com relação à competência midiática, Farias (2017, p. 163) nos diz que:

[...] a competência midiática está pautada na compreensão e o uso das mídias de massa de maneira incisiva ou não, incluindo um entendimento bem informado e crítico das mídias, das técnicas que elas empregam e dos seus efeitos. Incluindo a capacidade de ler, analisar, avaliar e produzir a comunicação em uma série de formatos de mídias.

Vale ressaltar que não se trata de tolher o individualismo, até porque o pensamento subjetivo individual é algo importante para se adquirir competências diversas. No entanto as discussões norteiam para uma maior preocupação em tais medidas servirem primordialmente para um ganho social coletivo, justificando-se no constructo de uma sociedade mais baseada na liberdade e justiça.

3 BIBLIOTECA ESCOLAR

Ao se discutir sobre as condições de formação da dita “Sociedade da Informação, principalmente a partir de meados do século XX, é preciso pensar sobre o papel das bibliotecas na construção de uma sociedade que englobe tecnologia e conhecimento. O ambiente das transformações tecnológicas potencializou e muito as formas de se adquirir informação e constituir novas formas de aprendizagem, estimulando os ensinamentos em diversas formas, não tão somente ao ambiente físico de instituições de ensino. Segundo Gouveia (2004, p. 1):

A Sociedade da informação está baseada nas tecnologias de informação e comunicação que envolvem a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos, como a rádio, a televisão, telefone e computadores, entre outros. Estas tecnologias não transformam a sociedade por si só, mas são utilizadas pelas pessoas em seus contextos sociais, econômicos e políticos, criando uma nova comunidade local e global: a Sociedade da Informação.

A Biblioteca Escolar (BE) está inserida na mudança de paradigma que resultou no pensar o espaço como algo além das questões de acervos e estantes e sim ligados ao letramento informacional. Quanto a isso Amaro (2016, p. 38) nos diz que:

[...] apoiar a pesquisa esteve relacionado a indicar ao usuário como encontrar no acervo da biblioteca as informações solicitadas. Atualmente, mais que isso, espera-se da biblioteca escolar a elaboração de programas de competência em informação e comunicação, que ao longo do tempo da criança e do jovem na escola desenvolvam neles a autonomia na busca, produção e uso da informação.

Mais uma vez é observado a BE servindo como agente ativo no processo de contribuir com os aspectos educacionais da escola, além de dar um passo a frente e lidar com a inclusão de competências e habilidades voltadas para criar autonomia e participação ativa dos alunos inseridos em sua realidade.

Outro ponto interessante de ressaltar é em seu papel quanto a interação entre corpo escolar e ações ligadas a promoção de leitura, dentre outras características. Assim temos que a função da BE está em:

“[...] exercer as funções de incentivar a leitura dos estudantes; aprimorar a produção e uso da informação em diversos suportes; organizar atividades que valorizem a consciência social e cultural em nível local, nacional e global; apoiar as atividades integradas ao currículo da escola” (SILVA, 2011, p. 500).

A BE poderá promover a interação entre os conteúdos tradicionais e as novas demandas de suporte informacional e abordagens tanto tecnológicas quanto sociais, tratando de trabalhar numa perspectiva que transforme o ambiente da biblioteca em algo atrativo e que possibilite aos alunos utilizarem cada vez mais os espaços e potencialidades do lugar.

3.1 Manifesto IFLA (Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições) / UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

É nesse contexto, mais especificamente, que a Biblioteca Escolar se insere numa tentativa de gerenciar os aspectos tradicionais de promoção de ensino com a adição de processos e atividades relativos aos suportes tecnológicos e técnicos, fazendo com que a Biblioteca Escolar seja fomentadora da cultura comunitária ao qual está inserida, contribuindo para a formação e preparação de seu público que, posteriormente, serão multiplicadores de práticas leitoras e difusoras de conhecimento. Há uma necessidade imperativa de que a Biblioteca Escolar, antes vista como depósito de livros para simples consulta de alunos, passe a ser entendida como um ambiente participante decisivo da formação de indivíduos que possam fazer diferenças frente aos desafios relativos à “nova” configuração do momento da chamada “Sociedade da Informação”. Dessa forma, tomemos por base o Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar (2000, p. 01) que nos traz:

A biblioteca escolar (BE) propicia informação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem-sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

A Biblioteca Escolar, assim como os demais tipos de bibliotecas, precisa ter bem definido os aspectos de gerenciamento e funcionamento, com objetivos de existência e formas de alcance em sociedade. Enquanto missão, temos conforme o Manifesto IFLA/UNESCO (2000, p. 01) que:

A biblioteca escolar promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios.

Mais uma vez verifica-se a importância de interagir entre os meios tradicionais de ensino-aprendizagem e as novas abordagens de plataformas e tecnologias. Como missão, promover a disseminação de cultura relativa ao ambiente em que está inserida, contextualizando conhecimentos diversos com a herança cultural local. Estabelecer incentivo a leitura, principalmente por se tratar de indivíduos em formação leitora. Desenvolver contato dos usuários para com as novas formas de acesso tecnológico e de informação.

Vejamos alguns objetivos, segundo o Manifesto da IFLA/UNESCO (2000, p. 02 e 03) sobre Bibliotecas Escolares:

- Apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;
- Desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
- Oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;
- Apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;
- Prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas ideias, experiências e opiniões;
- Organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;
- Trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;
- Proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;
- Promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu redor.

É necessário ter em mente que a BE não é uma instituição à parte, e sim participante em conjunto de acordo com as normas e regras da escola à qual está inserida, bem como os aspectos socioculturais de sua comunidade. Observa-se por alguns desses objetivos citados que a promoção de inclusão social e potencialidade do ensino aprendizagem se dá por uma junção entre a BE (principalmente na figura do bibliotecário) e o corpo pedagógico da escola, criando interações entre os componentes estudantis e pedagógicos e as competências informacionais e críticas inerentes a uma biblioteca escolar condizente com as diretrizes internacionais da IFLA/UNESCO.

Vale ressaltar o papel profissional do bibliotecário em estar inserido na estrutura escolar, contribuindo para o processo ensino-aprendizagem e mais, no papel de cidadania, já que o trabalho com informação requer uma postura mais responsável e crítica para buscar formar ou informar o público da BE de maneira que desenvolvam condutas mais próximas da efetiva participação social. Segundo o Manifesto IFLA/UNESCO (2000, p. 3):

Em vista do crescimento dos ambientes de rede, os bibliotecários escolares devem tornar-se competentes no planejamento e na instrução das diferentes habilidades para o manuseio de novas ferramentas de informação, tanto a professores como a estudantes. Portanto, devem obter contínuo treinamento e desenvolvimento profissional.

O profissional da informação em questão deve possuir e buscar competências informacionais que contribuam com o ambiente educacional da BE. Dessa forma, sua formação atendida com as novas demandas tecnológicas e informacionais poderá ter papel preponderante no processo de desenvolver e mediar leitura, principalmente na educação infantil, mas também com o trabalho com adolescentes dentro do ambiente escolar.

Se por um lado se entende o papel da BE a partir das demandas da escola, assim como suas diretrizes de ensino, podemos inferir que o papel da biblioteca é se intercomunicar com professores e equipe pedagógica, para assim traçar medidas que aproximem os alunos por intermédio de novas plataformas de ensino e, principalmente, abra novas formas de diálogos que juntem o ensino regular às questões sociais vivenciadas na rotina em comunidade.

Pensando por este prisma, a BE precisa lidar com novas formas de dispor sua estrutura física e suas ações práticas quanto ao seu objetivo pedagógico e informacional. Segundo Amaro (2016) é relevante adaptar a realidade da BE com as

demandas atuais pertinentes a cultura e informação, com modificação do espaço físico para promoção de grupos de estudos, pesquisas e relacionar tais ações com parcerias com outras instituições no intuito de potencializar os objetivos da BE.

A BE vai muito além do antigo paradigma de guardar livros e conhecimento. Ela necessita se inserir nas novas situações paradigmáticas da sociedade dita da informação, atualizando-se em seu papel social não apenas para interagir atualizada com as questões do ensino, mas também trazendo luz a novas discussões sobre as tecnologias de informação e os meios de comunicação, por exemplo, das mídias sociais, mais especificamente das redes sociais “modernas” e tudo aquilo que impacta na sociedade e, veementemente, na vida da comunidade escolar como um todo.

3.2 Adolescência

Precipuamente, ao tentar compreender ou analisar qualquer fenômeno da esfera humana, faz-se necessário um preâmbulo que o possa situar no tempo e no espaço, ou seja, visualizar o estágio de desenvolvimento em que se encontra, bem como inseri-lo no contexto social e cultural, principalmente se tal período se refere a uma fase peculiar do processo de crescimento: a adolescência.

Para explicitar melhor esse momento a adolescência, pode-se verificar conforme Giuliani (2013, p. 3) que:

A palavra “adolescência” é derivada da expressão “adolescere”, verbo latino que indica “crescimento” ou “crescer até a maturidade”[...] O processo de adolescer implica o reconhecimento de um novo corpo e de uma reorganização “das identidades” que constituem a pessoa como construto social, com impacto na vida do indivíduo e na sociedade em que está inserido. Nessa reorganização, a cidadania se apresenta como uma das identidades importantes. Isso implica para o adolescente assumir sua condição de cidadão no exercício efetivo de direitos e deveres que lhe são assegurados e exige da sociedade uma mudança de postura frente a esse sujeito que assume ser protagonista da sua própria história.

No ordenamento jurídico brasileiro considera-se o intervalo entre 12 e 18 anos (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, art. 2º). Já a Organização Mundial de Saúde – OMS (2019) considera o limite entre 10 e 19 anos, subdividindo-o em pré-adolescência (10 a 14 anos), adolescência (15 a 19 anos) e juventude (15 a 24 anos).

Transcendendo ao conceito meramente cronológico, afere-se que as adolescências (por assim dizer às vicissitudes que a compõem) abrangem fatores biopsicossociais.

De acordo com Piaget (2002) a adolescência encontra-se na chamada fase de operações formais, caracterizado, prioritariamente, pelo pensamento abstrato e hipotético. Nesse momento, o indivíduo se percebe por meio de soluções de questões, através de um pensamento lógico, libertado da necessidade infantil de resolver situações diante do concreto. Aqui já há a capacidade de soluções por hipóteses, vislumbrando possibilidades além do imediatismo do conteúdo palpável ou concreto. Encontra-se natural e socialmente capaz de elaborar conceitos, reflexões e valores, chegando a apresentar um egocentrismo cognitivo, expresso pela ideia de que consegue solucionar por si mesmo todos os aspectos que necessitam de solução. As capacidades mentais de simbolizar se fazem presentes e atuantes.

Segundo Piaget (1999), a adolescência encontra-se na chamada fase de operações formais, caracterizado, prioritariamente, pelo pensamento hipotético-dedutivo. É fundamental que se compreenda que as mudanças de uma fase à outra desencadeiam oscilações temporárias, no entanto, adverte que apesar das aparências, as conquistas próprias da adolescência asseguram ao pensamento e à afetividade um equilíbrio superior ao que existia na segunda infância. Os adolescentes têm seus poderes multiplicados; estes poderes, inicialmente perturbam a afetividade e o pensamento, mas, depois, os fortalecem.

Nesse momento, o indivíduo se percebe por meio de soluções de questões, através de um pensamento lógico, libertado da necessidade infantil de resolver situações diante do concreto. Aqui já há a capacidade de soluções por hipóteses, vislumbrando possibilidades além do imediatismo do conteúdo palpável ou concreto. Encontra-se natural e socialmente capaz de elaborar conceitos, reflexões e valores, chegando a apresentar um egocentrismo cognitivo, expresso pela ideia de que consegue solucionar por si mesmo todos os aspectos que necessitam de solução. As capacidades mentais de simbolizar se fazem presentes e atuantes.

O fator primordial de qualquer pensamento acerca da adolescência refere-se a uma analogia ao *milk-shake* ou a um “liquidificador” como representação das mudanças abruptas ocorridas em todas as esferas que compõem o sujeito. O

bombardeio de hormônios, as mudanças corporais da puberdade que desconstruem a autoimagem, o não reconhecimento de conteúdos emocionais (o que sentia “ontem”, não vale “hoje”), um impulso por vezes inconsciente de se diferenciar das figuras de referência para construção da própria identidade e tudo isso emergindo em uma estrutura de ego fragilizada por essa avalanche de transformações.

A questão de suma importância diz respeito ao fato de que o adolescente, principalmente considerando as inúmeras mudanças (fisiológicas, psicológicas e sociais), encontra-se em um período de fragilidade emocional e, assim percebendo, pode ter esse processo de reconstrução de sua identidade dificultado, tendo em vista que, por vezes, tem que mascarar na mídia o que de fato sente ou a realidade em que se encontra. Na verdade, nas mídias há de se mostrar sempre bem e feliz, o que faz com que não possa expressar seus sentimentos e nem perceber o que vivencia o outro. Fatores desencadeantes dos índices de sofrimento emocional.

Potencialmente grave, faz mister analisar que, de posse dessas informações acerca de vulnerabilidade da fase, muitos usam recursos das mídias como forma de disseminar *bullying*, estimular agressões físicas e verbais, acentuar a instabilidade emocional, expor mensagens subliminares em conteúdos aparentemente inofensivos, jogos sequenciados que geram dependência afetiva ou induzem a atos de autolesão, evidenciando e despertando angústias e potencializando a imersão de patologias como depressão, ansiedade, crises existenciais, crises psicóticas, dentre outros que podem conduzir ao evento letal por meio de suicídio ou homicídio.

Outras abordagens psicanalíticas foram se afirmando ao longo da história. A concepção naturalista e universal sobre o adolescente é enfatizada na citação abaixo:

É erro pensar que a juventude muda conforme as épocas acreditar que ela se identifica com sucessivos vestuários de empréstimo e que cada geração tem sua juventude é uma ilusão de moralista amador e apressado...por detrás do aspecto da juventude existe a juventude eterna, notavelmente idêntica a si própria no decurso dos séculos. (DEBESSE, 1946, p. 15-16, *apud* OZELLA, 2002, p. 16).

Dessa afirmativa, Ozella depreende que a adolescência não pode ser conceituada como uma simples fase de transição, pelo contrário, nesse período os adolescentes possuem uma mentalidade que lhes é característica.

Na perspectiva psicanalítica a influência dos estudos de Aberastury (1980), conceitua a adolescência como “um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento.” (ABERASTURY, 1980, p.15, *apud* OZELLA, 2002, p. 17).

Ainda segundo Ozella (2002, p. 23), a adolescência não seria uma fase apenas ligada ao natural e biológico, mas sim um constructo social que dependeria dos aspectos ligados à sociedade: “Entende-se, assim, a adolescência como constituída socialmente a partir de necessidades sociais e econômicas e de características que vão se constituindo no processo.”

A citação anterior mostra que o entendimento sobre a adolescência necessita ser observado por um prisma mais abrangente e que o visualize enquanto importante momento de formação do ser humano e não como uma fase passageira e problemática. Para isso, observa-se o entendimento de Bock e Liebesny (2002, p. 220-221):

Há, hoje, em nossa sociedade uma supervalorização do mundo do adulto [...] As outras etapas da vida (até e depois da fase adulta economicamente produtiva) são desvalorizadas, por sua incompletude e incapacidade[...] A psicologia tem parte nesta história. Tem desvalorizado a juventude quando a pensa como fase passageira, caracterizada por conflitos e incertezas. É preciso superar as visões naturalizantes e intimistas da adolescência para nos colocarmos, como profissionais, ao lado da juventude, no sentido de construirmos uma concepção que os veja como parceiros sociais que, por estarem em uma determinada fase da vida, têm contribuições específicas importantes a dar ao mundo social.

Os aspetos biopsicossociais foram abordados na tentativa de mostrar o quanto a formação do adolescente enquanto indivíduo e agente social é permeada por nuances e fases que, se não bem observadas, podem acarretar marcas profundas em seu processo de crescimento como ser humano. No entanto, seja numa concepção naturalista ou em uma mais voltada para os aspectos sociais de formação do adolescente deve-se enxergar os conflitos e dicotomias como algo também positivo, visto que a inquietude perpassa também pela necessidade de se fazer pertencente ao contexto social. Aí reside a relevância em se criar condições de diálogo sobre a participação deles nas dinâmicas sociais, mesmo que seja de maneira paulatina.

De acordo com Ozella (2002, p. 23), ao tratar dos meios de comunicação de massa e a concepção do adolescente, entende como uma forma de construir-se múltiplos significados sociais, realizando também nessa perspectiva uma atribuição

de identidade ao adolescente, participante dessa relação entre mídias e comportamento social.

Os meios de comunicação, portanto, desempenham um papel importante na veiculação dessas concepções, já que há um compartilhar pelos adolescentes dessas informações. Apesar de não haver um consenso na literatura a respeito do papel social dos meios de comunicação, há uma tendência geral de reconhecer que eles devem ser considerados.

Assim, já era possível observar a relação entre mídias e adolescentes, mesmo antes do chamado “boom” das TIC’s, entendendo-se que era salutar um entendimento mais aprofundado sobre a postura mais ativa e crítica do adolescente frente a massificação de informação e conteúdo.

Se trouxermos a discussão, novamente, para o escopo da inserção social do adolescente no universo das mídias sociais, bem como da sua participação em ambientes de disseminação da informação é possível observar algumas questões. Tanto o comportamento individual quanto a tentativa de se fazer pertencer a algo são condições próprias do que foi discutido sobre adolescência. Soma-se a isso o fato de que cada vez mais eles são agentes participantes da utilização dos espaços virtuais e no processo de compartilhamento e disseminação de conteúdos.

Ainda nessa questão, observamos que a utilização das redes sociais por adolescentes suscita diversas questões e nuances, mas o principal é atentar para a necessidade de se discutir e dialogar com o fato irremediável de que o adolescente participa ativamente dos processos de consumo de informação, muitas vezes a interação não funcionando de maneira crítica e fidedigna. Para tal, Fialho e Sousa (2019, p. 226) nos dizem que:

Faz-se necessário reconhecer que a internet, especialmente no que concerne ao uso das redes sociais virtuais, é ferramenta agregada à rotina de vida dos jovens, que não pode ser invisibilizada em sua importância. Logo, orientar as juventudes sobre o uso crítico e consciente com mediação educacional dialógica torna-se emergencial.

Embora os autores supracitados tenham empreendido pela pesquisa com jovens, e aí delimitam jovem num aspecto mais amplo que adolescentes, podemos atribuir sentido geral para o escopo de nosso tema já que o principal a se observar é a noção de que o componente crítico precisa ser introduzido e trabalhado para que a participação dos adolescentes não seja apenas mecânica e, por vezes, destoada da realidade social à qual eles se inserem.

4 CONSTRUÇÃO DE MATERIAL EDUCATIVO VOLTADO À BIBLIOTECA ESCOLAR NO COMBATE ÀS *FAKE NEWS*

Esta etapa da pesquisa se deu no sentido de cruzar os elementos teóricos discutidos no referencial teórico, relacionando os temas com o intuito de atingir os objetivos propostos, bem como responder os questionamentos propostos. Para tal foram pesquisados elementos teóricos que dialogassem os assuntos entre si, relacionando competência crítica e *fake news* numa ideia de importância da criticidade, além de explicar sobre o papel da BE em auxiliar adolescentes no processo de desenvolver competências críticas. Ponto relevante são as discussões sobre elementos pertinentes à criação de material educativo no combate às notícias falsas, construção essa que deve se pautar pela adequação da teoria crítica à realidade social dos adolescentes. Tudo isso para buscar responder de maneira satisfatória a problemática proposta neste trabalho, que cuida da possibilidade da BE em ajudar estudantes adolescentes a pensar criticamente frente às notícias falsas.

4.1 Competência Crítica (CC) x Fake News

Após leituras diversas sobre os temas em questão, principalmente relativo ao que foi discutido no referencial teórico, entende-se ser importante ampliar uma análise sobre o papel crítico no combate às *fake news*.

A competência crítica em informação é discutida na Ciência da Informação (CI) e na Biblioteconomia tanto no que tange a formação do profissional bibliotecário quanto na necessidade de pesquisas que direcionem esforços para tornar tais competências em algo mais próximo da realidade dos usuários. Portanto, o entendimento do bibliotecário é primordial para que seja construída uma capacidade de se promover estudos e práticas que levem aos usuários competências técnicas e críticas quanto ao volume massivo de informações existentes nos diversos meios de mídia. Seu trabalho nas diversas unidades de informação, mediante sua formação mais alinhada com os novos paradigmas das TIC's, pode fomentar mais acesso crítico aos conteúdos diversos, visando uma utilização da informação mais responsável e criticamente mais participativa dos inúmeros processos de cidadania em prol de uma sociedade mais equilibrada,

inclusive na participação contra o grande numero de notícias falsas propagadas em mídias sociais, notícias essas que prejudicam e muito o poder de tomada de decisão de usuários em sociedade.

A criticidade é fator relevante para se obter participação efetiva na realidade social à qual o usuário está envolvido. Já discutido em outros momentos, o histórico evolutivo das mídias sociais demonstra que a funcionalidade das mesmas se dá muitas vezes na velocidade e capacidade de propagação e não no conteúdo informacional que carrega, o que ocasiona problemas nos entendimentos de conteúdos diversos. É preciso equilibrar a utilização das TIC's com a real necessidade informacional, pois se não houver preocupação com o que se dissemina e o que se adquire há uma chance grande de se utilizar apenas as “modernidades” das TIC's para resolver aspectos individuais de participação social em rede e, principalmente, criação e compartilhamento de informação falsa, seja intencional ou mesmo por falta de componente crítico para avalia-las.

Complementando, verificamos que o combate às notícias falsas só poderia ser possível mediante a capacitação dos usuários, não necessariamente por intermédio de cursos ou algo oficializado, no entendimento de fontes de informação, da dúvida metódica com relação aos conteúdos disseminados e da apropriação prática das mídias sociais, em especial as redes sociais modernas.

Portanto, embora que saibamos existir diversas abordagens quanto a competência informacional, competência crítica e competência midiática, entendemos que as três se interligam, se complementam e ao mesmo tempo originam-se umas das outras, pois para se tornar a criticidade em algo relacionado ao hábito, rotineiro, se pressupõe a junção de elementos técnicos no trato da informação, nas posturas críticas frente aos conhecimentos disseminados, além da habilidade em se conhecer e apropriar-se das mídias sociais (Redes Sociais), principal meio de propagação de *fake news*.

Para ilustrar melhor o discutido no parágrafo anterior temos que, segundo Silva, Ottonicar e Yafushi (2017, p. 615),

A competência em informação é relevante para a análise e interpretação de qualquer informação, inclusive aquelas de origem duvidosa. As fontes de informação são analisadas a partir de suas ideologias, assim o indivíduo compreende que um texto não é neutro, mas carrega opiniões próprias do autor. Não apenas textos, mas também cabe ao indivíduo compreender as mensagens emitidas pelos demais veículos de comunicação emitidos por diversas mídias.

Ainda nessa dinâmica, é observado que o componente crítico se torna impreterível no questionamento não só das fontes de informação em si, mas também, mais alinhado ao escopo desta pesquisa, do questionamento crítico dos conteúdos e formas de informação veiculadas principalmente nas redes sociais. Sobre criticidade em informação entende-se que tais competências podem ser explicitadas assim:

[...] uma reunião de habilidades para acessar e empregar adequadamente a informação, mas também como uma ferramenta essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que os indivíduos fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de efetivamente determinar o curso de suas vidas. (VITORINO & PIANTOLA, 2009, p. 136)

Deste modo conseguimos ver aqui que o viés crítico fortifica as escolhas dos indivíduos no processo de constructo de uma sociedade e uma coletividade mais propensa a efetivar seus aspectos de cidadania e bem-estar social.

Aqui vale um destaque sobre o conceito de competência midiática, visto que o fator de crítico deve ser percebido dentro também dos ambientes das mídias sociais, inclusive com a absorção de competências que visem compreender o funcionamento e dinâmica das mídias em si, bem quanto inserir os usuários no cenário de acesso e compartilhamento de informação. Sobre isso Silva, Ottonicar e Yafushi (2017, p. 612) nos mostram que:

[...] o indivíduo necessita ser competente no uso das mídias, competência conhecida como midiática. Nesse sentido a competência midiática, juntamente com a competência em informação, contribui para que o indivíduo saiba lidar com as demandas do século XXI e utilize as potencialidades de ambas competências para geração de oportunidade de crescimento, desenvolvimento e criação de novos conhecimentos.

Lidar com os aspectos das mídias sociais é algo preponderante para a participação social e compreendê-las torna-se relevante para o processo de empreender criticidade. Farias (2017) fala justamente sobre entender e compreender o funcionamento das mídias para aprender a utilizá-las de maneira mais crítica e assim criar condições para o aparecimento de conhecimento mais endossado por posturas críticas.

Pode se inferir deste ponto da análise que a criticidade, dentro do escopo da CI e Biblioteconomia, se baseia em competência informacionais que se iniciam na necessidade de informação, passando pelo entendimento do caminho percorrido

para a utilização do conhecimento, incidindo aí nas competências críticas quanto aos formatos de mídia e tipos de disseminação da informação, procurando criar um ambiente mais responsável e ético do uso da informação para tomada de decisão de usuários e efetivação do fazer novos conhecimentos, residindo aí o ciclo informacional propício para uma maior e mais eficaz participação coletiva de cidadania.

Todo esse cenário é observável, como já visto no referencial teórico do trabalho, pelo viés da informação como centro de tudo, partindo daí a necessidade de verificá-la enquanto insumo que fortaleça as relações sociais e sirva de matéria prima para potencializar efetiva participação cidadã. Para tal temos o que Junior e Dos Santos (2019, p. 103) nos trazem:

A informação é elemento nodal na maneira com que nos relacionamos com o mundo: é por meio de seu uso crítico que agimos como protagonistas na construção de conhecimento, nas relações com os outros e nas reflexões, interpretações e intervenções sobre os fenômenos que nos cercam. É a criticidade que constrói nosso empoderamento.

Assim sendo, a criticidade se conclui por determinante no processo de combate às *fake news*, visto que os elementos estudados nas competências informacionais, críticas e midiáticas são preponderantes para identificar os vícios dos compartilhamentos falsos. Tanto os aspectos mais técnicos das fontes de informação quanto àqueles sobre a consciência midiática e crítica são necessários para identificar notícias falsas e evitar que tais informações prejudiquem as relações dos usuários com os conteúdos diversos. Evidentemente estamos tratando sobre as notícias falsas e sua relação com as redes sociais modernas, não esquecendo que se trata de uma temática com diversos componentes sociais, econômicos e políticos. No entanto, este trabalho se concentra na ideia geral de *fake news*, elucidada através do referencial teórico do tema em questão.

Na continuação da análise e percepções do presente estudo teórico serão percebidas mais particularmente as questões das *fake news* numa perspectiva voltada para um grupo social específico (estudantes adolescentes) e um agente informacional mais direto (Biblioteca Escolar), sempre no escopo da importância da criticidade.

4.2 A Biblioteca Escolar (BE) como contribuinte no processo de desenvolvimento de competências críticas em adolescentes frente às *fake news*

Neste momento da análise são direcionadas as discussões sobre competências críticas voltadas para o recorte teórico de um grupo social, no caso, os adolescentes. Para lidar com o combate às notícias falsas, faz-se necessário analisar a BE enquanto auxiliadora deste processo, ajudando a desenvolver criticidade nos estudantes adolescentes.

A BE foi escolhida por ter uma iniciativa de participação social com a comunidade escolar. Por suas diretrizes internacionais busca-se uma maior interação entre as competências do bibliotecário e da BE em si e os participantes do corpo pedagógico da escola, inclusive os professores. Conforme o referencial teórico, a BE não pode ser entendida como agente autônomo na tomada de decisões da escola. Antes ela precisa interagir com as propostas curriculares e pedagógicas da instituição de ensino e assim promover ações que fortaleçam a comunidade escolar. É muito comum enxergar a BE enquanto instrumento de promoção de leitura e estímulo a introduzir e fortificar o gosto pela leitura nas crianças da educação infantil. Suas diretrizes funcionam também nesse sentido, além de apontar para questões mais profundas de contribuição social.

Na preferência por estudar os adolescentes levou-se em conta ser um grupo que já se relaciona com a BE, participando de ações principalmente de prática de leitura e culturais (geralmente ligadas ao calendário escolar). Desse modo é salutar buscar entender a possibilidade de participação mais voltada para os aspectos críticos, por se tratar das condições biopsicossociais próprias da adolescência e pela relação mais próxima com as atividades ligadas às redes sociais e mídias em geral, sendo muito relevante dizer que todo esse movimento acarreta decisões importantes acerca de temas sensíveis a sociedade em geral.

As análises subsequentes se baseiam em alguns objetivos do Manifesto IFLA/UNESCO, visando adaptá-los de alguma forma para servirem de base para o desenvolvimento de ações que permeiem criticidade aos estudantes adolescentes no combate às *fake news*.

Discutindo o primeiro objetivo do manifesto que é “apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da

escola” (IFLA/UNESCO, 2000), voltamos a destacar os estudos teóricos já explicitados, que dizem que a BE é um mecanismo de mediação de informação dentro do escopo da escola e deve ser pensada dentro de uma vertente alinhada com as diretrizes dos planos nacionais de educação e com as características próprias de cada escola. A BE não determina os ditames educacionais da escola, mas pode trabalhar sim na ajuda e contribuição social, interagindo com as temáticas das disciplinas e promovendo ações voltadas para questões diversas, sejam de natureza escolar (curricular) ou mesmo na tendência elencada por esta pesquisa – destacar os pontos positivos de se empreender criticamente nas atividades da biblioteca, porém sempre respeitando a autonomia na unidade escolar.

No terceiro objetivo temos: “oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento”. (IFLA/UNESCO, 2000)

É importante que tais vivências possam ser vistas em diversos eventos escolares, geralmente pautados na mediação da leitura, saraus de poesias, exposição com temáticas condizentes com as datas comemorativas oficiais. No entanto, ao mudarmos o foco para o objeto de estudo da pesquisa, poderia se pensar em atividades e ações, mediante convergências entre o bibliotecário e o corpo pedagógico da escola, no sentido de introduzir o componente crítico dentro das aulas participativas na biblioteca. Componentes curriculares como a Redação poderiam em parceria com a BE trazer à tona elementos como:

- Rodas de conversas e painéis de exposição temas como uso das tecnologias e mídias sociais;
- Palestras de profissionais da própria escola ou ligados a ela sobre o impacto que as redes sociais têm na vida social do adolescente;
- Oficinas práticas para identificar *fake news* em ambientes de redes sociais, mediante participação dos alunos.

Ações como estas contribuiriam para iniciar condições para um debate mais presente e rotineiro acerca da participação dos adolescentes no combate a desinformação e notícias falsas, obtendo provavelmente algum êxito pois se trata de um público em construção cognitiva e muito pertencente ao eixo comunicacional das redes sociais e, portanto, do lidar com notícias em excesso, por muitas vezes necessitando apreender mecanismos de competências para agir mais criticamente perante o volume grande de informação. Outro entendimento consiste na afirmação

de Fialho e Souza (2012, p. 216) que explana que: “As redes sociais são espaços nos quais há, para os jovens, a noção de pertencimento, de intimidade e de reafirmação dos seus modos de vida e expressões.”

Portanto, o ambiente das redes sociais é algo relevante na vida dos adolescentes, inseridos no conceito de jovem, devendo residir aí, que o tempo inteiro eles estão sujeitos a avalanche informacional e, por conseguinte, inúmeras *fake news* que, além de distorcerem seu senso de pertencimento e vida em tribos, podem causar reflexões errôneas em diversas áreas das quais sua cognição inicia um processo de sedimentação de conhecimentos em geral.

No quarto objetivo, “apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos.” (IFLA/UNESCO, 2000), a BE pode ajudar na mediação de conhecimento através das ações supracitadas no item anterior. A BE funciona enquanto promotor de competências críticas não só por meio de pesquisas rotineiras das disciplinas cursadas, mas oferecendo serviços tais como:

- Disponibilização de materiais em outros suportes, os de propriedade da própria unidade escolar ou mesmo aqueles disponíveis na *Internet*;
- Serviços de referências oferecidos pelo bibliotecário visando identificar as necessidades de informação dos adolescentes na escola;
- Oferecer panfletos informativos, físicos ou não, para demonstrar aspectos sociais da comunidade onde está inserida a BE, ressaltando a importância de se posicionar criticamente visando evitar o compartilhamento de notícias falsas que venham a prejudicar o convívio social local.

Quanto ao exposto anteriormente, Amaro (2016, p. 38) discorre sobre a BE como uma “BE Comunitária” que:

[...] desenvolva projetos com a comunidade do seu entorno, relacionados à área de promoção de leitura e da literatura e de letramento informacional. Projetos elaborados pelos bibliotecários, com apoio dos professores, e realizados com os alunos. (Atividades de mediação de leitura, de alfabetização digital, de colaboração com bibliotecas comunitárias, de melhorias de acesso a leitura para deficientes, de letramento digital...) Com isso desenvolver nos alunos o senso crítico e o compromisso social.

Tal afirmação serve para ilustrar melhor o componente crítico em adolescentes no combate às *fake news*, já que uma competência crítica fortificada, em aspectos sociais, pode prepará-lo para entender a necessidade de tornar rotineiros mecanismos de verificação de postagens, compartilhamentos, passando a ter uma responsabilidade maior na disseminação de informação fidedigna, evitando prejudicar inclusive, no caso em questão, sua própria comunidade.

O sexto objetivo diz: “organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade.” (IFLA/UNESCO, 2000). Adaptando para o escopo do trabalho, as atividades podem ser incentivadas visando aumentar o diálogo sobre criticidade em adolescentes, tentando demonstrar a esses atores a importância de tornar o discurso mais habitual, as conversas mais corriqueiras no sentido de criar uma espécie de consciência coletiva que leve a formar cidadãos cada vez mais cedo preocupados em agir de maneira mais efetiva nos processos de transformação de suas sociedades.

Utilizamos o oitavo objetivo para analisar uma questão sobre interdisciplinaridade na escola em relação à BE. Assim, “proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia.” (IFLA/UNESCO, 2000). Tal liberdade pode ser entendida, ao se inferir sobre a temática da pesquisa, como liberdade por intermédio da competência crítica, pela busca em compreender e apreender viés crítico frente à demanda brutal de informações e, principalmente, no combate às notícias falsas, fortalecendo o caminho da informação de maneira ética e confiável para assim identificar e diminuir substancialmente às *fake news*, gerando a construção de novos conhecimentos pautados pela fidedignidade. Em seu trabalho, já citado anteriormente, Amaro (2016, p. 38) explicita que:

A biblioteca é o grande espaço de interdisciplinaridade na escola e também é o espaço de estudo coletivo. Aproveitar-se dessa vocação e propor projetos que promovam diálogos entre os conteúdos e resultem em produtos que possam oferecer à sociedade respostas para problemas ainda não estudados.

Aproveitando a citação acima, entende-se bem como a interação entre o bibliotecário (pensado na perspectiva de uma formação mais continuada) e as demais funções pedagógicas da escola faz com que os adolescentes se beneficiem tanto no currículo escolar quanto na potencialidade de se construir enquanto agente

social participativo, e que culmina com a possibilidade real em se combater o mal das notícias falsas.

Para demonstrar o quão é importante o combate às *fake news*, trazemos à discussão as diretrizes da IFLA com relação a esse contexto. Assim podemos verificar que existem diversos estudos com apontamentos para o papel das bibliotecas nesse cenário de massificação da informação e, mais especificamente, da construção e propagação de notícias falsas.

“O pensamento crítico é uma habilidade fundamental na mídia e na alfabetização da informação, e a missão das bibliotecas é educar e defender sua importância.” (IFLA, 2019).

Nesse ponto é possível entender que os prejuízos causados pelas *fake news* é tão evidente que necessita de ações que possam fortalecer a luta contra a desinformação, sendo o componente crítico primordial nessa questão, além do fato de que as bibliotecas e os bibliotecários entendem serem positivas competências que tornem a situação problema, descrita, mais abrandada.

“As discussões sobre notícias falsas levaram a um novo foco na alfabetização da mídia de forma mais ampla, e o papel das bibliotecas e outras instituições de ensino em fornecer isso.” (IFLA, 2019).

Para ilustrar a temática verifica-se a notícias abaixo, como a Figura 3.

Figura 3 - Notícia falsa veiculada no *Facebook* em 1º de março de 2019



Fonte: LOPES, 2019.

Pode se observar de imediato se tratar de uma notícia compartilhada baseado apenas em uma manchete sensacionalista e por uma pessoa que se percebe imediatamente não se tratar de autoridade identificável sobre o tema em questão. Não há preocupação com a correta grafia do texto e, evidentemente, não há citação nenhuma a qualquer evento que reporte de maneira fidedigna um suporte à “manchete” compartilhada.

Sobre o assunto em si, da possibilidade de o Movimento dos Sem Terra ter praticado tal ação, segundo o site E-Farsas, percebeu-se não se tratar em nada com o divulgado. O acontecimento se deu quanto a uma invasão do MST em propriedade com viveiros de mudas de eucalipto transgênico. Mesmo assim a referência que diversos sites e, principalmente, usuários de redes sociais compartilharam se tratava de uma notícia de 2015 publicada à época pela Revista Veja, como mostra a Figura 4.

Figura 4 - Imagem do *Youtube* sobre o evento real, porém noticiado com legenda contendo a *fake news*



Fonte: LOPES, 2019.

Mais uma característica de notícia falsa é a referência a um evento e o título inventando outro acontecimento. Portanto verifica-se aqui um grave caso de *fake news* disseminadas baseadas em fontes errôneas e atemporais, além de falta total de verificar criticamente aspectos essenciais para obter notícias minimamente

confiáveis. A gravidade da notícia falsa é tamanha pois acomete aspectos sociais de saúde da população, baseadas em politicagem e relações partidárias evidentes. Basta analisar a quantidade de compartilhamentos e curtidas da postagem do *Facebook*, citado anteriormente.

Um das maneiras de contribuir para o combate as *fake news* é o infográfico criado pela IFLA, baseado no Factcheck.org, com alguns passos de checagem de notícias para medir sua veracidade ou fidedignidade, como mostra a Figura 5. Para isso observemos os direcionamentos que visam ajudar a se fazer a checagem de notícias. Com um bom entendimento sobre tal produto pode se iniciar uma discussão acerca da participação mais direta das bibliotecas, em especial as escolares, no combate a esse problema que é cada vez mais frequente em nossa sociedade.

Figura 5 – Infográfico da IFLA para checagem de notícias



Fonte: IFLA, 2019.

4.3 Proposição de modelos de materiais educativos a partir de competências críticas

Já mencionados anteriormente, Reberte, Hoga e Gomes (2012) relatam que é extremamente importante uma construção do conhecimento de maneira coletiva e participativa. Para eles a busca de soluções para problemas devem seguir o objetivo de trazer benefícios sociais para a sociedade em geral. Assim a pesquisa deles se concentra no objetivo de criar uma cartilha que ajude gestantes e familiares a lidar com as dúvidas e problemáticas relativas ao processo vivido, levando em conta aspectos pessoais e sociais da vivência dos atores envolvidos.

Já no que compete ao recorte teórico das competências críticas em adolescentes, desenvolvido neste trabalho, pode-se utilizar a mesma ideia geral da criação das cartilhas de saúde. Baseado nas etapas do trabalho de Reberte, Hoga e Gomes (2012), necessita-se sistematizar o conteúdo utilizado. Para isso é que se procedeu a uma discussão teórica sobre as competências, a adolescência, a BE, enfim, às temáticas apresentadas. Desta forma se procede a organizar mecanismos de adequar as teorias à linguagem peculiar de entendimento dos adolescentes, fortalecendo a eficácia e eficiente da mediação da informação. Feito isso inicia-se o levantamento de imagens e ilustrações que possam dialogar com o conhecimento prévio dos adolescentes, principalmente aqueles ligados aos aspectos culturais. Outra forma adaptável de Reberte, Hoga e Gomes (2012) para nosso escopo teórico é a chamada “Validação dos peritos”. Se no caso das gestantes se refere aos profissionais de saúde, no nosso nicho é relativo à percepção dos profissionais envolvidos nessa questão, bibliotecários, professores, pedagogos dentre outros precisam estar alinhados com as demandas da adolescência e os aspectos tecnológicos e informacionais, não só para promover a criação de materiais educativos, mas também para a observação dos *feedbacks* necessários para continuar reciclando os conhecimentos compartilhados.

As cartilhas mostradas nas Figuras 6 e 7 foram criadas baseando-se no infográfico da IFLA, já apresentado nesta pesquisa. A ideia é propor direcionamentos para as Bibliotecas Escolares utilizarem-na de maneira a levantar questionamentos quanto à utilização mais responsável das redes sociais e, por conseguinte, evitar o compartilhamento de notícias falsas. Dessa forma entende-se ser um caminho inicial para tratar destas questões de maneira mais rotineira e que

com o tempo possa fazer parte de uma prática comum visando preparar de maneira mais crítica as pessoas e melhorar sua participação cidadã em meio ao seu nicho social.

Figura 6 – Cartilha de ações e iniciativas da BE contra as *fake news*



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Figura 7 – Cartilha de biblioteca escolar no combate às fake news



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

O objetivo aqui é mostrar um modelo voltado para uma linguagem mais visual (ícones de redes sociais conhecidas) e dicas de competências críticas por meio de um linguajar mais aproximado do entendimento do adolescente. Outra linha de ação seria utilização de linguagem de memes, já eternizados nas diversas mídias pela *Internet*, bastante consumido pelos adolescentes e utilizado como referencial de linguagem. Tal material poderia ser disponibilizado nas oficinas e ações realizadas pelas BE's, seja de maneira impressa ou digitalizada, sempre respeitando as condições socioeconômicas das escolas. Com a integração já discutida entre a BE e a escola, haveria possibilidade de expor tal material em vários espaços além da

biblioteca, como laboratório de informática e recepção, sempre com o intuito de divulgar e tornar iniciativas como essa em algo mais próximo e corriqueiro.

Mais uma vez é preciso que fique claro e em aberto que a proposta aqui apresentada tem um caráter de embrião, de diálogo sobre a ajuda que a BE pode empreender para a escola e seus estudantes adolescentes, não se configurando de forma alguma em algo fechado e manual que atenda todas as escolas e bibliotecas de uma só forma. É necessário que atentemos para as especificidades sociais e econômicas vivenciadas pelas sociedades em diferentes locais, portanto funciona como um guia genérico que poderá ser adaptado para cada realidade distinta. E assim, todos os envolvidos nessa integração de profissionais e meios devem trabalhar e se esforçar para que com o tempo possamos ter menos diferenças entre os nichos sociais e possamos nos aproximar de maneira mais fidedigna das diretrizes internacionais para BE's, para quem sabe fazer com que o adolescente mais atencioso criticamente possa ser um participante ativo de sua realidade social.

5 CONCLUSÃO

As *fake news* modernas são fatores prejudiciais no processo de se mediar informação, sendo muitas vezes indicadores de problemáticas relacionadas às tomadas de decisões dos usuários em vários níveis, culturais, econômicos, sociais e, conseqüentemente, ligados à cidadania.

Dentro desse contexto foi pensado um recorte sobre adolescentes, baseado no referencial teórico sobre as condições que acreditamos serem propícias para uma possível introdução de componentes de criticidade ligados à sua condição de ser humano em formação, além do fato de serem considerados muito presentes em redes sociais e, por conseguinte lidarem diariamente com as *fake news*.

Para serem capazes de confrontar o nível alto de informações ofertadas em diferentes escalas, foram destacadas teorias sobre as competências críticas em informação, bem como competência informacional em geral e o conceito relativamente novo de competência midiática. A pesquisa bibliográfica foi realizada e descrita no aporte teórico com discussões amplas e convergidas de maneira a dar suporte à análise.

Para trabalhar nessa relação descrita no trabalho, a Biblioteca Escolar (BE) foi usada como ferramenta para introduzir componentes críticos na cultura do adolescente e, assim, ajudar a torná-lo mais participativo quanto a uma construção social mais cidadã.

Diante do apresentado é plausível afirmar que a BE poderia trabalhar com a escola numa perspectiva interdisciplinar, combinando elementos característicos da formação do profissional bibliotecário com metodologias do corpo pedagógico da escola, podendo assim criar e/ou mediar ações e atividades que caminhem na direção de empreender competências críticas nos estudantes adolescentes.

Quanto aos objetivos é entendido que, de maneira geral, foram atendidos, ressaltando se tratar de uma pesquisa teórica que buscou apresentar elementos para propiciar discussões futuras sobre o tema. O objetivo específico “Discutir sobre a importância da criticidade frente às notícias falsas” funcionou como amparo para relacionar seus elementos com o descrito no outro objetivo específico “Demonstrar a BE como contribuinte no processo de desenvolvimento de competências críticas em adolescentes frente às *fake news*”. Assim, foi possível dialogar com as teorias para que buscassem responder à problemática proposta na introdução do trabalho: De

que maneira a BE pode ajudar estudantes adolescentes a pensar criticamente frente às notícias falsas?

Dessa forma, embora não seja uma resposta baseada em aspectos finalizados e formatados no que diz respeito a diretrizes, ações e atividades foram propostas e analisadas de maneira a contribuir com a resolução, ou no caso a tentativa de se resolver, a questão central da pesquisa.

O trabalho também explica que se trata de uma abordagem genérica, baseadas nas diretrizes internacionais para BE's e, portanto, passível de necessidade em se adequar a realidade de cada unidade de informação e primordialmente a situação real das unidades escolares.

Pensando também nessas nuances, a pesquisa indica algumas contribuições: recomenda a criação e utilização de matérias educativos, a exemplo das cartilhas voltadas para adolescentes, baseadas no infográfico da IFLA contra *Fake News* (referenciado na pesquisa), mas com informações mais visuais e condizentes com a realidade perceptiva destes jovens, podendo ser tomado por base as cartilhas expostas como exemplos no capítulo 4 do trabalho, sempre ressaltando que a confecção do material deve se pautar pela realidade da escola e de sua relação com a BE.

Conclui-se que houve contribuição para a área da CI no que tange a preocupação com o tratamento e disseminação de informação, partilhando com área da preocupação em se quebrar o ciclo das notícias falsas e suas implicações negativas, pensando na ética e cidadania no uso e apropriação da informação, buscando a construção de uma sociedade mais livre e democrática.

Por fim, se faz importante a temática dialogada nesse trabalho teórico para contribuir com futuras discussões sobre a problemática proposta, potencialmente ajudando em pesquisas empíricas, entendendo os elementos cotejados nesta pesquisa como algo relevante para a área da CI e para a Sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

- ALTARES, Guilherme. El País. **A longa história das notícias falsas**. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html>. Acesso em 19 jun. 2019.
- ALLCOTT, H., & GENTZKOW, M. (2017). Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, vol 31(2), 211-236. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~gentzkow/research/fakenews.pdf>>. Acesso em 25 jun. 2019.
- AMARO, Vagner. **Biblioteca Escolar: modos de usar**. Ideias Emergentes em Biblioteconomia. 2016.
- BELLUZZO, Regina Célia Baptista; SANTOS, Camila Araújo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas**. Londrina, v. 19, n. 2, p. 60 - 77, maio/ago. 2014.
- BENEDITO, José Pinto. **Jornalismo na Internet: Planejamento e produção da informação online**. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- BEZERRA, Arthur Coelho. Vigilância e filtragem de conteúdo nas redes digitais: desafios para a competência crítica em informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais...** . João Pessoa: UFPB, 2015. p. 1 - 16.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; LIESBENY, Brônia. In: OZELLA, Sergio. **Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.html>. Acesso em: 30 nov. 2019.
- BRASIL. **Manifesto IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar**. Tradução de Neusa Dias de Macedo. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2019.
- BRISOLA, Anna Cristina; SCHNEIDER, Marco; SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco. Competência crítica em informação, Ética intercultural da informação e cidadania global na era digital: fundamentos e complementaridades. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais...** . Marília: Enancib, 2017. p. 1 – 16. Disponível em: <<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/417/805>>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento I: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. In: **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. Fake News nas redes sociais online: propagações e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & jornalismo**, 2017. 163 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Universidade de Coimbra, Lisboa, 2018.

ESTADÃO. **Escolas da rede estadual de SP terão disciplina sobre fake news**. São Paulo, 21 nov. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/11/21/escolas-da-rede-estadual-de-sp-terao-disciplina-sobre-fake-news.html>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

FARIAS, Gabriela Belmont de. Competência Informacional e Midiática no Ensino de Biblioteconomia: Apontamentos para o Contexto Brasileiro. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 13, n. especial, p. 160-184, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/665/561>. Acesso em: 20 out. 2019.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. JUVENTUDES E REDES SOCIAIS: interações e orientações educacionais. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 9, Nº 1, p. 202 - 231, jan/mar. 2019. Disponível em: <<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/viewFile/721/421>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p.

GIULIANI, Carla Denari. A Construção do Conceito de Adolescer e o problema relacionado à gravidez na Adolescência. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: conhecimento histórico e diálogo social, 27. 2013, Natal. **Anais...** . Natal: Anpuh, 2013. p. 1 - 17. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1361370156_ARQUIVO_ampunhartigorelacaoemadoleceregavidez2013.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

GOUVEIA, Luís Manoel Borges. **Sociedade da Informação**: Notas Introdutórias sobre a Sociedade da Informação. Universidade Fernando Pessoa. Disponível em: <http://homepage.ufp.pt/lmbg/reserva/lbg_socinformacao04.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2019.

IFLA. **How to Spot Fake News**. 2019. Disponível em: <<https://www.ifla.org/publications/node/11174>> Acesso em: 30 nov. 2019.

JÚNIOR, Oswaldo Francisco de Almeida; SANTOS, Camila Araújo dos. Mediação, informação, competência em informação e criticidade. In: FARIAS, Gabriela Belmont de; FARIAS, Maria Giovanna Guedes (org.). **Competência e mediação da informação**: percepções dialógicas entre ambientes abertos e científicos. São Paulo: ABECIN Editora, 2019. p. 96 – 112.

LEMOS, André. Cibercultura e Mobilidade. A Era da Conexão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** .Rio de Janeiro: Intercom, 2005. 17 p.

LIEBEL, Silvia. Literatura e crime na primeira modernidade: o caso dos Canards franceses. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** .Natal, 2013. v. 1. p. 1-9.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de& MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.

LOPES, Gilmar. E-farsas. **O livro “Aparelho Sexual e Cia” faz parte do kit gay distribuído pelo MEC?** 29 ago. 2018. Disponível em: <<http://www.e-farsas.com/o-livro-aparelho-sexual-e-cia-faz-parte-do-kit-gay-distribuido-pelo-mec.html>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

LOPES, Gilmar. E-farsas. **O MST ateou fogo no laboratório onde eram produzidas vacinas contra a meningite?** 2 mar. 2019. Disponível em: <<http://www.e-farsas.com/o-mst-ateou-fogo-no-laboratorio-onde-eram-produzidas-vacinas-contra-a-meningite.html>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

MARTINELLI, M. L. (org). **Pesquisa Qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 1999. 143 p.

MARTINS, Alexandra. Estadão. **Na web, 12 milhões difundem fake news políticas**. 2017. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,na-web-12-milhoes-difundem-fake-news-politicas,70002004235>>. Acesso em 19 jun. 2019.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem** (Understanding Media). 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

MIRANDA, Lyana Virgínia Thédiga de; SILVA, Luiza Monica Assis da. Competência midiática e cidadania digital: reflexões teórico-metodológicas. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 43, n. 2, p. 309 – 326, dez. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.22484/2177-5788.2017v43n2p309-326>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

MONTEIRO, Silvana Drumond. Semiótica peirciana e a questão da informação e do conhecimento. Encontros Bibli: **Revista Eletrônica em Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 2, p.43-57, 2006.

O TRIUNFO da vontade. Direção de Leni Riefenstahl. Alemanha, 1934. (110 min.), P&B.

OLIVEIRA, Sérgio Aires de. **Mídias Sociais**: Ferramentas de estratégia de marketing de relacionamento para as pequenas empresas. 2014. 12 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Faculdade Alves Farias, Palmas, 2014.

OZELLA, Sergio. In: CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery; KOLLER, Silvia Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos. **Adolescência e Psicologia**: Concepções, práticas e reflexões críticas. Brasília, 2002.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva - 24ª ed. – Rio de Janeiro: Forenses Universitária, 1999.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REBERTE, Luciana Magnoni; HOGA, Luiza Akiko Komura; GOMES, Ana Luisa Zaniboni. O processo de construção de material educativo para a promoção da saúde da gestante. **Revista Latino – americana de Enfermagem**. Jan. – fev. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n1/pt_14> Acesso em: 02 dez. 2019.

ROUSSEAU, Jean Jacques. Ensaio Sobre A Origem das Línguas. In: **Obras J.J. Rousseau**, vol. II. Tradução de Lourdes Santos Machado. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo: Editora Globo, 1962. p. 255-277.

SANTAELLA. Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós humano. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/re%20vistafamecos/article/viewFile/3229/2493>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da Lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 489-517, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://revista.acb.org.br/index.php/racb/article/view/797/pdf_63>. Acesso em: 15 out. 2019.

SILVA, Rafaela Carolina da; OTTONICAR, Selma Letícia Capinzaiki; YAFUSHI, Cristiana Aparecida Portero. A competência em informação e midiática voltada à cidadania: o uso da informação governamental para a participação na democracia. RDBCI: **Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, São Paulo. v.15, n.3 p.604-628 set./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8649535/pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais**: cases, conceitos, dicas e ferramentas. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2010.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

UOL. Michaelis. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**: Definição de mídia. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=okDkn>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p.130-141, set./dez., 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf>>. Acesso em 23 jun. 2019.

VICTOR, Fabio. Folha de São Paulo. **Notícias falsas existem desde o século 6, afirma historiador Robert Darnton**. São Paulo, 19 fev. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859726-noticias-falsas-existem-desde-o-seculo-6-afirma-historiador-robert-darnton.shtml>>. Acesso em: 22 nov. 2019.